



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Ciências Biológica
Instituto de Física
Instituto de Química
Faculdade UnB Planaltina
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Mestrado Profissional em Ensino de Ciências

**MEU QUERIDO DIÁRIO DE AULA... UMA PROPOSTA DE PESQUISA
NARRATIVA PARA UMA PRÁTICA REFLEXIVA**

HELENA BARROSO DA SILVA

Brasília, DF
Fevereiro de 2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Ciências Biológicas
Instituto de Física
Instituto de Química
Faculdade UnB Planaltina
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Mestrado Profissional em Ensino de Ciências

**MEU QUERIDO DIÁRIO DE AULA... UMA PROPOSTA DE PESQUISA
NARRATIVA PARA UMA PRÁTICA REFLEXIVA**

Dissertação realizada sob orientação do Prof. Dra. Alice de Melo Ribeiro – e apresentado à banca examinadora como requisito à obtenção do Título de Mestre em Ensino de Ciências – Área de Concentração “Formação de Professores”, pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília.

Brasília, DF
Fevereiro de 2021

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo tenho um coração muito agradecido por ser quem eu sou, quem fui e quem eu ainda posso ser. É importante sabermos quem somos, conhecer nossa história, pois ela nos define, nos momentos em que me perdi me encontrei na minha história.

Em primeiro lugar queria agradecer a Deus, por ser tão bondoso e nunca me deixar sozinha. Obrigada também por Teus planos serem sempre maiores que meus sonhos.

Aos meus pais Francisco e Francisca por serem generosos e me permitir coisas e oportunidades que não lhes foram dadas.

Aos meus irmãos Alexandre, Sueli, Cida, Fernanda, Darlene, Darlan, Denis, Sandra, Matheus e Igor, por serem gentis nos momentos difíceis.

Á vovó, por ter sido essa mulher forte e guerreira.

As minhas tias, Conceição e Cristina por me ensinarem tudo o que eu precisava para essa jornada.

Ao meu esposo Alexandre por ser amável e doce sempre.

As amigas da Vida Heloísa, Jéssica, Jociele e Priscilla por sempre ter uma palavra de esperança.

Aos amigos da graduação, dentre os quais, eu destaco a Gislaine, pelo apoio de sempre.

Aos amigos com quem que partilhei dessa experiência incrível no Mestrado: Alessandro Abreu, Bruce Lorrán, Fabiana Alves, Samuel Loubach e Viviane Farias. Juntos formamos o grupo “Mestrado da Depressão”

Aos professores e mestres que encontrei ao longa da minha vida escolar e acadêmica. Muito obrigado por manterem em mim o desejo de ser professora e por me incentivarem a ser uma pessoa melhor.

Á Universidade de Brasília por usar o ensino como agente transformador de vidas.

Ao programa de pós-graduação em Ensino de Ciências (PPGEC) por não só acreditar em projetos mais sim em trajetórias de vida.

A essas mulheres fortes da minha banca e mulheres da Ciências como: Alice Melo, Jeane Rotta e Juliana Eugênia Caixeta.

**DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO OU
TESE DE
DOUTORADO**

Declaro que a presente dissertação/tese é original, elaborada especialmente para este fim, não tendo sido apresentada para obtenção de qualquer título e que identifico e cito devidamente todas as autoras e todos os autores que contribuíram para o trabalho, bem como as contribuições oriundas de outras publicações de minha autoria.

Declaro estar ciente de que a cópia ou o plágio podem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, consistindo em grave violação à ética acadêmica.

Brasília, 24 de março de 2021.

Assinatura do/a discente: Helena Buxesse da Silva

Programa: PPGC - UNB

Nome completo: Helena Buxesse da Silva

Título do Trabalho: Minu querido diário de aula... uma proposta
de pesquisa narrativa para uma prática reflexiva

Nível: Mestrado Doutorado

Orientador/a: _____

Alice
Alice Melo Ribeiro
Professora UNB
FUB 1048872

“Não é sobre vencer, é sobre não desistir. Se você tem um sonho, lute por ele. Existe disciplina na paixão, e não é sobre quantas vezes você é rejeitado ou caiu e foi derrotado. É sobre quantas vezes se levantou com coragem e seguiu em frente”.

(Lady Gaga, 2019)

RESUMO

Na certeza de que temos uma vida cheia de história e são essas histórias que nos define nesse mundo. Também nós educadoras e educadores usamos as nossas experiências para dá significação a nossa prática docente não tão somente para achar sentido, mais para refletir sobre o trabalho que realizo em sala de aula. A prática reflexiva, que relaciona a experiência, prática e a teoria, fortalece e transforma as ações em sala de aula na escola e possivelmente na sociedade. Nesse sentido, para guarda todas as experiências cheias de emoções, sentimentos e situações vivenciada em sala de aula que o uso dos diários se faz necessário. Pois não são apenas fatos, são memórias cheias de afeto que uso para entender minha trajetória como docente. Assim o objetivo dessa pesquisa é analisar os diários de aula numa perspectiva reflexiva das situações do cotidiano do docente. Dado o nosso interesse em analisar o diário de aula, escolhi como delineamento de pesquisa a pesquisa narrativa, mais precisamente a narrativa autobiográfica, por permitir interpretar o mundo de uma forma bastante particular e subjetiva. Os diários de aula foi a técnica utilizada para produzir as narrativas, já que a presente pesquisa pretendeu discutir algumas possibilidades de abordagem dessa técnica como portadora e construtora de sensibilidade, considerando as diferentes situações que envolve a prática docente e as justificando de acordo com a minha trajetória levando em consideração a afetividade dessas situações que foi problematizada como objeto dessa pesquisa. Participou dessa pesquisa uma professora temporária da secretária do Distrito Federal. Foram escolhidos 10 momentos charneiras, diante desses momentos que refletir o meu trabalho como professora, que surgiram muitas inquietações e foram momentos de descobertas pessoais, que me descobrir como ser professora e busquei minha própria identidade. E esses momentos serão analisados em forma de autorreflexão. Neste contexto, o objetivo dessa análise de dados é da significação aos fragmentos encontrados nos diários e uma proposta viável ao professor de ciências. Para não somente me compreender, mas compreender também minhas escolhas, a análise se ocorreu em quatro momentos: **1)** Foram feitos recortes dos diários, esses recortes são meus momentos charneiras, foi feito uma descrição da situação vivenciada e a autorreflexão. **2)** Posteriormente a autorreflexão ligada esses momentos com a minha trajetória de vida e a tomada de decisão em cada caso. **3)** Por último a reflexão dessa ação, suas consequências e uma proposta de perspectiva de atitude mais coerente e desejada para o professor no Ensino de Ciências. Assim cada recorte é um fragmento de um momento vivenciado, esses momentos são a preservação da minha memória que trago descobertas e reflexões do meu dia a dia, para dá significação a cada recorde eles foram renomeados com título de acordo com o conteúdo que possui dentro do fragmento. **4)** Por fim foi feito a análise temática dialógica das autorreflexões de maneira a construir o mapa de significados. Foram encontrados nos diários duas novas competências para reflexão diferentes das teorias de Dewey (1953) e Schon (2000) o que pode apresentar um novo caminho para análises das reflexões. Essas competências são características que poderá ser muito importante para mudanças nas ações de professores reflexivo em sala de aula. Assim escrever diários poderá ser muito significativo e valorosa para educação, pois são inúmeras as contribuições que essa técnica poderá apresentar na vida do docente, para a sociedade e para as Ciências.

Palavras-chaves: Diários de Aula; Ensino de Ciências; Pesquisa Autobiográfica; Professores Reflexivos; Formação de Professores.

ABSTRACT

In the certainty that we have a life full of history and these are the stories that define us in this world. We educators and educators also use our experiences to give meaning to our teaching practice not only to find meaning, but also to reflect on the work I do in the classroom. Reflective practice, which relates experience, practice and theory, strengthens and transforms actions in the classroom at school and possibly in society. In this sense, to keep all experiences full of emotions, feelings and situations experienced in the classroom that the use of diaries is necessary. Because they are not just facts, they are memories full of affection that I use to understand my trajectory as a teacher. Thus, the objective of this research is to analyze the class diaries in a reflexive perspective of the teacher's daily situations. Given our interest in analyzing the class diary, I chose narrative research as the research design, more precisely the autobiographical narrative, because it allows to interpret the world in a very particular and subjective way. The class diaries was the technique used to produce the narratives, since the present research intended to discuss some possibilities of approaching this technique as a carrier and builder of sensitivity, considering the different situations that involve teaching practice and justifying them according to my own trajectory taking into account the affectivity of these situations that was problematized as the object of this research. A temporary professor at the Federal District secretary participated in this research. 10 hinge moments were chosen, in view of those moments that reflect my work as a teacher, that arose many concerns and were moments of personal discoveries, that I discover how to be a teacher and I sought my own identity. And these moments will be analyzed in the form of self-reflection. In this context, the objective of this data analysis is to signify the fragments found in the diaries and a viable proposal for the science teacher. In order not only to understand me, but also to understand my choices, the analysis took place in four moments: 1) Clippings were made from the diaries, these clippings are my hinge moments, a description of the situation was experienced and self-reflection. 2) Subsequently, the self-reflection linked these moments with my life trajectory and decision making in each case. 3) Finally, the reflection of this action, its consequences and a perspective proposal of a more coherent and desired attitude for the teacher in Science Teaching. So each cut is a fragment of a moment experienced, those moments are the preservation of my memory that I bring discoveries and reflections from my day to day, to give meaning to each record they were renamed with title according to the content they have within the fragment. 4) Finally, the thematic dialogic analysis of self-reflections was made in order to construct the map of meanings. Two new competences for reflection were found in the diaries, different from the theories of Dewey (1953) and Schon (2000), which may present a new path for the analysis of reflections. These skills are characteristics that can be very important for changes in the actions of reflective teachers in the classroom. Thus writing diaries can be very significant and valuable for education, as there are countless contributions that this technique can present in the teacher's life, for the society and the science.

Keywords: Class Diaries; Science Teaching; Autobiographical Research; Reflective Teachers; Teacher Training.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	8
2. INTRODUÇÃO.....	10
3. OBJETIVOS.....	12
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
4.1 A Formação de Professores de Ciências no Brasil.....	12
5. O Professor Reflexivo.....	19
5.1 John Dewey.....	20
5.2 Donald Schön.....	21
5.3 António Nóvoa.....	23
5.4 Isabel Alarcão.....	24
6. DIÁRIOS DE AULA, NARRATIVAS E FORMAÇÃO REFLEXIVA NO CONTEXTO DO ENSINO DE CIÊNCIA.....	26
6.1. Os diários de aula.....	29
6.2. As condições para escrita dos diários.....	31
6.3. Modalidades dos diários.....	33
6.4. Quando escrever um diário.....	34
6.5. Momentos e fragmentos dos diários.....	38
7. METODOLOGIA.....	38
7.1 Técnica de Pesquisa.....	38
7.2 Participante da Pesquisa.....	38
7.3 Procedimentos de Coleta de Dados.....	39
7.3.1 Construção das Informações.....	38
7.3.2 Análise dos Dados.....	40
8. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	41
8.1. Eixo 1- Autorreflexão.....	42
8.2. Eixo 2- Reflexões sobre as reflexões.....	62
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	68
PROPOSIÇÃO.....	77

1. APRESENTAÇÃO

A minha história com a educação é mais do que uma história de superação é uma história de amor! E como toda história de amor nem tudo são flores.

Venho de uma família tipicamente nordestina, meus parentes nem sempre tiveram oportunidades e o direito de escolha, pois os tempos eram outros e as oportunidades escassas.

Tornar-me professora gera em mim um sentimento de muita gratidão. Pois entendo o poder transformador da educação em minha vida e na vida da minha família. Quem diria que na trajetória de uma dona de casa e um pai oleiro, ambos analfabetos a educação iria mudar o destino de seus filhos.

Desde muito pequena, sempre fui muito curiosa! Isso me aproximava das ciências além de ter a sorte de ter conhecido professores e professoras incríveis. Ao longo da minha vida escolar fui tendo a certeza de que gostaria de ser professora de Ciências.

Minha investidura para o curso de licenciatura em Ciências Naturais na Faculdade UnB Planaltina significa muito para mim. Um orgulho que fui tendo aos poucos pela minha trajetória. Estar na UnB foi um divisor de água na minha vida, pois meu ensino fundamental e ensino médio foram inteiramente na escola pública e passar na Universidade Federal parecia ser um sonho muito distante da minha realidade. E que bom que os sonhos se tornam realidade! Isso com é claro com muito esforço e dedicação.

A minha graduação foi um momento de grandes descobertas e autoconhecimento tanto no âmbito profissional quanto pessoal. Nessa trajetória conheci professores e professoras muito especiais, acima de tudo, por serem humanos, apaixonados, apaixonadas, por suas causas, trabalhando em prol do protagonismo de seus alunos e alunas, com amor com empatia, com dedicação, isso me leva a crer que essa é a profissão certa para minha vida!

Desde muito nova, queria saber os porquês das coisas e foi essa curiosidade que me despertou, quando adulta, para o interesse de saber de saber os sentimentos que movem os professores e professoras suas aspirações, motivações e até mesmo suas reações. Isso me levou a meu trabalho de conclusão de curso na área de educação cuja o título é: Conflitos interpessoais os que fazem os professores?

Ao concluir a graduação, passei no concurso para temporário e comecei a lecionar aulas de Ciências para alunas e alunos do ensino fundamental na rede pública na Santa Maria cidade satélite do Distrito Federal.

Foi um ano desafiador! Foram muitos os desafios encontrados em sala de aula: vários públicos, dificuldade de leitura, escrita e interpretação além de dificuldade de relacionar-me com alguns alunos e até mesmo com a família destes alunos.

Com isso, concluí que muitas são as realidades e demandas na escola pública. Atuar em contexto de tanta diversidade acarreta superar desafios diários. Essas vivências fizeram com que eu me despertasse para a reflexão sobre essas realidades, gerando uma postura que, como professora, é preciso estar insatisfeita com a minha prática com o objetivo de melhorar minhas aulas e com o que é produzido no processo ensino e aprendizagem. Essas inquietações sobre o ser professora se tornou, para mim, uma missão profissional.

Sabemos que é preciso refletir sobre essas realidades que estão inseridas no contexto escolar. Eu como professora sabia que era preciso aprimorar meus conhecimentos, buscar um espaço de esperança e foi então, que decidi fazer o mestrado profissional em Ensino de Ciências.

No ano seguinte, passei no processo seletivo para o mestrado profissional da Universidade de Brasília. Foi um momento de muita alegria! A vida tinha me apresentado retornado a essa instituição que eu admiro tanto e passei na minha área de interesse desde a graduação, que é formação de professores.

Desde o ingresso no curso tenho aprendido muito. As experiências de estudar com diferentes professoras e professores, especialistas em diversas áreas do Ensino de Ciências, tem sido enriquecedora. A troca com as colegas e os colegas da pós-graduação lança a possibilidade e desafios que precisamos desprender-se e dá espaço para o novo. Além de criar redes de apoio tanto profissional como afetuosos, tão necessário a uma jornada de grande intensidade!

Escolher a linha de pesquisa, formação de professores, se deve ao fato de eu acreditar, que nos professores e professoras somos responsáveis por nossa prática docente. Quando entendemos que somos responsáveis pelo que fazemos e pelo que omitimos de fazer, entendemos que a função da educação depende de quem somos e depende muito das nossas escolhas, o que pode nos levar a mudar a forma como encaramos as dificuldades em sala de aula de modo a construir possibilidades de ensino que valorizem os protagonismos dessas alunas e alunos e, também, nossa própria constituição enquanto ser docente.

É com felicidade e responsabilidade que quero construir e da continuidade a minha formação e de outras e outros profissionais.

2. INTRODUÇÃO

São muitos os questionamentos que passam na minha cabeça: Será que sou uma professora reflexiva? Penso na minha prática? Sou reflexiva sobre o meu trabalho? Sou a mesma professora o tempo todo? Tais indagações pessoais me leva a crê que a educação faz parte das mudanças do mundo e, também, de nós educadores e educadoras. Entendo que a escola não é mais a mesma, de tempos atrás, e por isso é essencial “reconhecer que essas mudanças são inevitáveis e que vão atingir os professores e sua formação” (NÓVOA, 2018 p.03).

Pensar sobre o trabalho desempenhado em sala de aula é uma estratégia bastante promissora na formação de professores. A reflexão sobre o trabalho que realizo em sala de aula e na forma como realizo esse trabalho, possibilita que como professora, saia de atitudes automáticas, dos pensamentos mecânicos que ocorre muito, pela as várias demandas na sala de aula, para uma postura reflexiva e mais coerente com a proposta de trabalho que realizo. Acredito que a prática reflexiva, que relaciona a experiência prática e a teoria, fortalece a formação de professores quando transforma essas ações significativas dentro da sala de aula, na escola e possivelmente na sociedade.

Um importante aspecto relacionado a atuação dos profissionais em educação se refere a sua formação continuada, caracterizada como o processo de formação de adultos após a faculdade e o quanto isso é urgente e necessário. Pois ao contrário da formação inicial, que é aquela quem temos ainda na graduação, a formação continuada exerce um trabalho contínuo. Nesse sentido faz-se necessário investir no professor, nos cursos de formações, e ter uma formação diferenciada, ou seja, diferente dos modelos atuais, que tendem a desenhar cursos de formação voltadas para a teoria, deixando a prática e a reflexão de lado (NÓVOA, 2007). Para superar essas dificuldades relacionadas a formação docentes, é preciso juntar os conhecimentos teóricos com as experiências vivenciadas pelos professores no intuito de transformar essa reflexão em ações viáveis para a sala de aula e, também, na vida dos estudantes.

Ao tornar-se professor, entende-se que o nosso papel vai além das metodologias e do domínio de conteúdo. É uma experiência afetiva, mas também é uma busca pessoal do ser professor “que carrega consigo e ensina sua noção do mundo, suas experiências, suas crenças, seus valores, ou seja, o seu eu” (NETTO; SPAGNOLO; FLORENTINO; AMARAL; ZANCAN; PORTAL, 2012, p.15). Somos seres cheios de afetos e compreendemos que o mundo é composto por pessoas que necessitam de “doses

significativas de afeto e sensibilidade para perceber o outro em sua totalidade”. Desta forma, o contexto escolar é um espaço educativo “no qual é possível o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões”. (NETTO; SPAGNOLO; FLORENTINO; AMARAL; ZANCAN; PORTAL, 2012, p.15).

São muitas as emoções que nos passa em nossa vida como professores. Um, certamente, é a paixão “no sentido que não conseguimos captar essa experiência a partir da lógica da ação” (LARROSA, 2002 p.26), pois, ela nos proporciona uma dualidade entre a felicidade do exercício da profissão e os sacrifícios pessoais que muitas vezes precisamos cometer. Sobre essa dualidade Larrosa (2002) relata que “ocorre uma tensão entre a felicidade e o sofrimento que não conseguimos desassociar” (p.26). O outro sentimento é “a compaixão no sentido humanista que essa palavra pode ser, por acreditar que ao tonar-se professores adquirimos essa competência da sensibilidade” (NETTO; SPAGNOLO; FLORENTINO; AMARAL; ZANCAN; PORTAL, 2012, p.15) de perceber o aluno como um ser único.

Com o objetivo de da significação a essas experiencias cheias de emoções e sentimentos, que o uso dos diários se faz necessário. Pois não são apenas fatos, são momentos, memórias cheias de significações para não somente entender minha prática, mas minha história como docente.

Os diários de aula foram escolhidos como a técnica nessa pesquisa, por ser uma produção que valoriza a voz, ou seja, a ideia de quem o faz, o professor. Segundo Oliveira (2014) “os diários de aula é um produtor de afetos, tanto para quem produz quanto para quem lê” (p.113). Essa perspectiva trás para pesquisa uma ideia mais intimista, pessoal, pois, muitos foram os momentos que tive necessidade de registrar o que se passava em sala de aula, dá voz a minha própria voz, e observando a minha própria prática docente pude perceber o quanto essa experiência foi gratificante e assertiva na minha trajetória profissional.

A ideia dos diários de aula veio com a minha experiência docente, entendendo que experiência é “tudo que nos acontece, tudo que nos passa e tudo que nos toca”, (Larrosa, 2002, p.21). Entendendo que não é essencialmente “tudo”, o tudo o qual me refiro é o significativo que resulta na minha (re)significação subjetiva e pessoal da minha prática.

Nesses dois anos que atuei na rede pública do Distrito Federal, escrevi sobre minhas experiências, algumas boas e outras ruins. Os registros me mostraram que os diários me permitiram momentos intensos de reflexão, de aprendizado, de conhecimento e o quanto era necessário externalizar acontecimentos significativos quanto a minha

prática docente. Nesse contexto, pretendemos com essa pesquisa explorar, por meio dos diários de aula que é uma técnica de pesquisa, a figura do professor, a atuação em sala de aula e a perspectiva pessoal ao qual se enfrenta.

3. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar o processo reflexivo de uma professora-pesquisadora, a partir de narrativas nos seus diários de aula.

Objetivos Específicos

- 1) Identificar os momentos charneiras nas narrativas nos diários registradas nos diários de aula da pesquisadora- pesquisadora.
- 2) Identificar, nos registros, diferentes tipos de reflexão presentes nas teorias de Dewey (1953) e de Schon (2000).
- 3) Identificar habilidades desenvolvidas a partir da análise.
- 4) Escrever uma preposição pedagógica a partir da experiência formativa da professora-pesquisadora, considerando o Ensino de Ciências.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NO BRASIL

O Ensino de Ciências e a formação de professores estão estreitamente ligados pela história deste país, no sentido que uma completa a outra, a formação dos professores de Ciências “nos últimos 30 anos tornou-se motivo de várias pesquisas acadêmicas e se constituiu de grande importância nas políticas educacionais” (NASCIMENTO; FERNANDES; MENDONÇA; 2012, p.243).

De maneira oposta nas décadas nos anos 1950 e 1960, que foi um período em que a educação brasileira usou modelos norte-americano inspirado na psicologia comportamental, que viam os professores e sua atuação na produção de conhecimento como um mecanismo essencialmente técnico. Portanto, não houve uma valorização da correlação entre a formação dos professores nos métodos científicos, sendo essa deixada de lado, com o investimento do tecnicismo. Lembrando que o tecnicismo teve seu papel importante na história do ensino de Ciências.

Nos anos 1960 até início dos anos 1980 era valorizado a técnica a respeito da atuação docente. A função do professor de Ciências era de executar tarefas programadas e controladas, sendo preparadas para a memorização das informações científicas, exigidas dos especialistas em educação. Visto que depois da Segunda Guerra Mundial, “a ciência e a tecnologia se tornaram um empreendimento socioeconômico, trazendo essa preocupação para os diversos níveis de ensino” (NASCIMENTO; FERNANDES; MENDONÇA, 2012, p. 228).

Ainda de acordo com os autores, os anos de 1960 também tiveram influências das com as teorias, cognitivistas de Piaget do construtivismo interacionista no Brasil, o professor passou a ser orientador das suas experiências educativas e de aprendizagem e não mais um transmissor de informações. Nesse cenário, os professores de ciências desenvolviam suas ações considerando as particularidades e as fase do desenvolvimento dos estudantes levando os alunos a superar os obstáculos cognitivos e didáticos. Isso se justificava aqui no Brasil pela crescente industrialização e desenvolvimento econômico, pois isso exigia do estudante que será um futuro trabalhadores conhecimento científico e tecnológico, ou seja, ser alfabetizado cientificamente.

Mas afinal o que é a Alfabetização Científica e por que ela é tão importante par a o Ensino de Ciências? Também conhecida como Letramento Científico ou enculturação Científico a Alfabetização Científica tem o objetivo de usar o ensino de Ciências “para promover a educação cidadã dos alunos, para ação e atuação em sociedade” (SASSERON; CARVALHO, 2011, p.60). Se usarmos o termo Alfabetização Científica temos que entender o que é Alfabetização. Nesse contexto, para Paulo Freire (1996) alfabetização é ler e escrever de maneira consciente, ou seja, entender e estabelecer conexões entre o mundo, a pessoa e a escrita, dessas conexões surgem os significados e dos significados as construções dos saberes. Ler e escrever estão diretamente ligados com a natureza da Ciências. Pois “ser alfabetizado cientificamente é saber ler a linguagem que está escrita a natureza” (CLASSOT, 2000, p.91). Mas vai além dessa perspectiva a alfabetização científica e é por isso que ela é tão importante. De acordo com Lorenzetti (2000) que define a Alfabetização Científica como o processo pelo qual a linguagem das Ciências naturais adquire significado, fazendo com que o indivíduo amplie o seu universo de conhecimento, a sua cultura, como cidadão inserido na sociedade e que isso pode vincular com uma sociedade mais democrática.

Uma pessoa cientificamente instruída, consegue entender que um povo alfabetizado cientificamente busca fazer melhorias pontuais usando como meio a Ciência,

criando coisas novas ou dando sentido o que já existe. Portanto, um agente transformador no processo social e nas necessidades do ser humano. É importante ter consciência que “esse processo não é ensinado diretamente, são embutidos nos currículos escolas e é um processo vitalício” (LORENZETTI; DELIGOICOV, 2001, p.47), visto que o indivíduo não chegará no estágio final da alfabetização, pois sempre algo há apreender sobre a Ciências.

Shen (1975) nomeia a alfabetização científica em 3 formas: prática, cívica e cultural. A Alfabetização Científica prática está relacionada as necessidades básicas dos seres humanos como habitação, alimentação e saúde. É aquela que contribui para a superação desta situação, tornaria o indivíduo apto a resolver, de forma imediata, problemas básicos que afetam a sua vida. A alfabetização cívica seria a que torna o cidadão mais atento para a Ciência e seus problemas, de modo que o indivíduo e seus representantes possam tomar decisões mais bem informados. Enquanto a Alfabetização cultural seria para um grupo pequeno. É o caso de profissionais não pertencentes à área científica, que passam a interessar-se por um dado assunto (engenharia genética, por exemplo) e, então, começam a ler, pensar e assinar revistas específicas para aprimorar seu conhecimento.

Diante do exposto percebemos que “a escola sozinha não consegue alfabetizar cientificamente os alunos” (LORENZETTI; DELIZOICOV, 2001, p.51), por não ter condições de fornecer todas as informações. Apesar disso é importante que a escola possa propiciar condições para que os alunos busquem esse conhecimento. Outro aspecto importante a ser considerado é que os estudantes só com as aulas de Ciências não adquirem pensamento crítico, essas conexões entre o conhecimento e o que é ensinado nas aulas de Ciências, parece assuntos distantes da vida cotidiana deles. É aqui que o papel do professor de Ciências faz a diferença pois, ele proporciona a visão de que a Ciências, assim como as outras áreas do conhecimento que fazem parte do mundo, não é um conteúdo separado, dissociado da realidade do aluno.

Retomando o contexto histórico do professor de Ciências, após o golpe militar de 1964 houve aumento nas escolas, o que resultou na necessidade de aumentar o número de professores para atender a população escolar o que conseqüentemente aumentou o ensino universitário privado, pois crescia os cursos de licenciatura de curta duração. Esse crescimento sem planejamento pode ter gerado uma descaracterização e das desvalorizações da profissão docente (NACIMENTO; FERNANDES; MENDONÇA, 2012).

Só em 1968 a lei nº 5.540/68 que foi implantado normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola ficou conhecida como a reforma universitária. Segundo Chassot (2000), os cursos que já eram longos e descritivos, com as aulas de laboratórios que visavam apenas confirmação se tornaria ainda mais conteudista.

A partir do final dos anos de 1970 e início de 1980, a formação de professores passou a ser analisada e chegou-se à conclusão da necessidade da reformulação dos cursos de licenciatura. Na primeira metade dos anos de 1970, ainda sob a atuação das teorias comportamentais, o professor de ciências baseava sua ação educativa na dimensão técnica e de instrumentalização, “o que nessa mesma década foi criticado com a corporação das ideias de Karl Max, a educação escolar viabilizou o papel crítico que deveria ser reconhecido pelos professores” (NASCIMENTO; FERNADES; MENDONÇA, 2012, p.235). Nessa atuação educativa estes professores e professoras poderiam discutir com os estudantes as condições existentes nas sociedades, como exemplo as relações entre oprimido e opressor. Contudo, essas ideias não foram aceitas pelo regime da época.

Entre o final dos anos 1970 e início dos anos de 1980 o mundo passou a valorizar “teorias educativas que acreditavam que a escola é uma reprodutora das relações sociais o que levou a questionamentos sobre a atuação dos professores”. Porém essas teorias também apresentavam limitações e a compreensão da educação passou a ser considerada como uma atividade plural e complexa devido a fatores históricos e políticos- social (PEREIRA, 2006, p.118).

No início dos anos de 1980 embora existisse uma grande influência das ideias de Karl Max sobre a formação de professores e professoras, essas teorias não conseguiram se articular de modo significativo nos cursos de formação em Ciências, o que significou na prática que esses professores continuaram sendo técnicos e funcionalistas. Nos primeiros anos de 1980 surgiu as teorias relativas aos processos educativos que passou a ver a docências como uma atividade complexa. Essa visão permitiu que as discussões sobre a formação de professores privilegiassem o caráter político da prática e o comprometimento das classes menos favorecidas num processo de redemocratização depois do golpe 1964.

Nesse período foi orientado que a formação de professores garantisse qualidade do ensino a ser desempenhado nas escolas, porém o que faltava eram condições de trabalho adequadas. Em 1980 o Comitê Nacional Pró- Formação do Educador iniciou um movimento de reformulação dos cursos de licenciatura no país, movimento esse iniciado

pela a extinção dos cursos de licenciatura de curta duração e em 1983 pelo Ministério da Educação criou-se a Comissão Nacional de reformulação dos Cursos de formação do Educador (CONARCFE). Essa era uma tentativa de resolver os problemas relacionadas as licenciaturas tanto curtas como a plena, mais o que aconteceu foi um descompasso entre governo e especialistas da educação. Na primeira metade dos anos de 1980 surgiram debates sobre a formação docente, com o discurso de conscientizar o professor sobre o papel da escola na transformação da sociedade, transformando assim a realidade dos estudantes. O papel do professor de ciência nessa perspectiva era priorizar o ato de educar sobre o ato de ensinar.

Nos anos de 1990 o “professor/educador perde espaço no contexto educacional brasileiro pois seu trabalho é considerado de menor importância” (PEREIRA, 2006, p.134). Portanto, o professor deveria ter competência técnica e qualidade formal e política, o que acarretaria numa mudança sobre os cursos de formação inicial. Por não considerar o processo de formação docente em seu aspecto político-econômico a formação de professores sofreu diversas críticas, desde a atuação do professor quanto na precariedade dos processos de formação, incluindo currículos, falta de delineamento de perfil desejável para essa formação, entre outros aspectos.

As universidades foram muito questionadas por serem as instituições responsáveis pelos cursos de licenciatura e pela formação docente dos professores. Bem como pela falta de compromisso com a reconstrução da escola pública o que acabou por sendo a prioridade mudar a formação oferecida no ensino de ciências. Assim foram elaborados cursos de aperfeiçoamento didático, programas de formação continuada, projeto de educação científica. Mas para Nascimento (2009), foi pouco significativo o reflexo dessas medidas na atuação dos professores no Ensino de Ciências.

O final dos anos de 1980 inícios de 1990 as mudanças, repercutiram no cenário Brasileiro. Trazendo a necessidade de colocar aspectos sociais nos processos de formação docente e a ideia do professor reflexivo e pesquisador de sua prática. O que levou a fazer parte dos debates, essa interação universidade e a escola do primeiro e segundo grau, possibilitando o surgimento de propostas de treinamento em serviço ou reciclagem para os professores da rede pública. No entanto, isso foi muito criticado no meio acadêmico e considerado insuficiente, devido o distanciamento entre a realidade e as necessidades dos professores. Houve um esforço para que as pesquisas passassem a dar mais atenção entre a relação e as condições e atuação de professores apontando a necessidade de

mudança nos cursos de formação visando a melhoria das condições de trabalho e estimulando a formação continuada.

Nos anos de 1990, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDEBEN, nº 9394/96) e a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental e médio, as escolas deveriam oferecer aos estudantes formação de qualidade e levá-los a ter habilidades como: pesquisa, análise buscar de informações e seleção. A intenção era desenvolver a capacidade de aprender a aprender, para uma formação que tivesse foco nos conhecimentos básicos, na preparação científica e na capacidade de usar diferentes tecnologias. Isso só se tornou possível por ligar Ministério da educação, especialistas e as universidades que elaboraram propostas de formação continuada com a intenção de desvincular-se de uma educação que valorizasse a memorização, acúmulo de informação descontextualizada e compartimentada. Buscava-se, assim, os professores de Ciências que ensinasse além da dimensão conceitual, para que os alunos adquirissem competências cognitivas e sociais.

A prioridade era a formação de professores de Ciências que refletissem criticamente sobre a situação de ensino-aprendizagem de pesquisassem e atuassem criticamente sobre um projeto político pedagógico próprio, de aperfeiçoamento de conhecimentos científicos e conhecimentos pedagógicos relevante. No entanto, não foi bem aceito na maioria dos cursos de formação continuada que continuaram a se basear na lógica e na racionalidade técnica.

Ainda nos anos de 1990, foram realizadas investigações sobre a formação prática do professor e como isso ocorria. De fato, ao longo da docência do professor o cria seu próprio conhecimento da sua profissão, suas análises, suas características práticas e como profissionais “produtores do saber e de saber fazer” (NÓVOA, 1992, p.03). Além dessa nova perspectiva, nesse momento da história as intenções de formação de professores de Ciências era relacionar a Ciências, a tecnologia e a sociedade. Acreditava-se que ao aproximar as práticas educativas, a sociedade e a educação, possibilitaria que o professor de ciências elevasse os pensamentos dos estudantes criticamente, para que esse estudante alcançasse níveis mais altos de interpretação científica e posteriormente, contribuíssem para as mudanças na sociedade a qual pertencem.

Os anos de 1990 e início de 2001 foram marcados por uma formação docente submissa a propostas elaboradas por equipes do Ministério da Educação e as vontades de algumas universidades, onde o professor era restrito a obedecer às vontades das propostas não participando da sua formação docente.

A formação de professores no mundo sempre buscou atender as demandas das indústrias, do comércio, setores editoriais, e da informática educacional, tornando o professor e os alunos clientes das escolas e de subsídios didáticos. Essa formação visava atender o interesse desses setores. O professor deveria passar por treinamento, dominar técnicas didáticas para fazer da escola o meio de transmissão de um mercado de produtos. Essa ideia se reafirmou juntamente entre o governo e as Diretrizes do Banco mundial que se tornava o professor como operadores de ensino desconsiderando os professores como sujeitos e profissionais (TORRES, 1996). Isso se caracterizava como uma estratégia do governo da época por querer o melhor custo-benefício, oferecer pacotes didáticos como compensadores das condições de trabalho.

Contrariamente a essa visão, ainda nos anos de 1990, foram desenvolvidos diversos estudos que contribuíram para uma nova concepção da formação continuada, privilegiando a escola como um espaço de formação a partir do conhecimento e da valorização dos saberes docentes, assim como o desenvolvimento dos professores. Nesse período as pesquisas apontaram uma concepção crítica da educação, que considerava a necessidade de compreender as práticas educativas realizadas em diferentes contextos e de valorizar a capacidade de produção de conhecimento dos professores sendo a reflexão a principal base para a aprendizagem e para o desenvolvimento do profissional da docência (ZEICHNER, 1993).

As propostas de formação de professores de Ciências passaram a dar mais importância à reflexão sobre as práticas educativas e o contexto sociopolítico e econômico. Era claro a necessidade do professor ter o compromisso com a educação e com a sociedade, a respeito de problemas reais a visão desse profissional poderia no contexto de atuação ser considerado um agente de mudanças.

Segundo Schon (1992) a formação docente passou a ser vista sob a perspectiva de investigação-ação. Considerada como atividade complexa e que exige do professor habilidade do saber, do fazer e do saber fazer. O professor de Ciências teria que participar de processos constantes de aprendizado, apropriar-se de conhecimento científico, cultural e social além de se posicionar criticamente para atender as demandas do contexto de atuação.

Considerando que as transformações não são estáticas no contexto social, político científico e tecnológico do país, do mundo e nas Ciências, é necessário que o profissional da educação tenha atitude de atualizar-se constantemente, no intuito de acompanhar essas transformações e de não cair no velho discurso que não foi ensinado tudo na sua formação

inicial ou mesmo que não faz parte da sua profissão. Existe um consenso entre vários autores que a formação inicial não é o suficiente para preparar e formar o profissional para os mais diversos contextos de atuação (CANDAUI; MILUCANI, 1997).

Por isso a necessidade dessa formação continuada, assim como outros profissionais precisaria aprender a aperfeiçoar suas práticas continuamente, atualmente a formação continuada de professores é uma estratégia promissora das práticas políticas educacionais devido seu papel de ser a gente transformadores educativos e sociais (DEMO, 2002). É preciso também uma formação científica sólida, articular o trabalho docente a entre a teoria e a prática, unindo as universidades e as escolas e trabalhar nas políticas públicas para o desenvolvimento dos sistemas educacionais na tentativa de melhorar a formação inicial e continuada do país.

Uma tentativa dessa melhoria é a valorização do profissional da educação, a lei nº 10,172/2001 do Plano Nacional de Educação (PNE) juntamente com a Lei de diretrizes e bases da Educação (LDB) nº 9394/96 (BRASIL, 1996) e com a Constituição Federal tem o cuidado de estar em consonância para elevar a educação nacional trazendo melhorias para a formação de professores para os alunos em nível nacional.

Por mais que ainda haja dificuldades na implantação dessas mudanças nos cursos de formação inicial e continuada é preciso reconhecer os esforços que já foram realizados, como inúmeros trabalhos e produções científicas nos últimos anos a respeito das práticas formativas no intuito de superar a visão de caráter disciplinar e cognitivo enraizado ao longo dos anos como produto da nossa história. E melhorias das políticas públicas no intuito de sempre preservar os direitos e assegura as conquistas da educação.

5 -O PROFESSOR REFLEXIVO

A maioria das reformas educacionais proposta no Brasil caracteriza-se “por ligar a educação as inovações tecnologias e as necessidades da produção e do desenvolvimento econômico no país” (SLOMSKI; MARTINS, 2009, p.9). O professor era visto como um mero técnico, aplicador de planos e normas de especialistas, não tinha voz e o fracasso escolar recaía sobre ele. Contrariamente a essa visão na década de 30, estudos e pesquisas defendiam a reflexão, a participação e a autoconsciência dos educadores. Essas pesquisas colocavam o docente como o objeto de estudo, chamando atenção para a pessoa docente, seus pensamentos, suas experiências, seus valores, suas crenças, “no intuito de incentivar

os professores na construção coletivas das escolas e das políticas educacionais” (SLOMSKI; MARTINS, 2009, p.09).

A partir dos anos 80 inícios dos anos 90 do século XX, chegou no Brasil e em outros países expressões ligadas ao trabalho do professor, sua formação e sua prática docente, muito importantes para os diferentes debates educacionais existentes na época como já foi citado anteriormente, são elas: “professor-pesquisador, professor reflexivo (SCHÖN, 1987, 1992, 1995), saber docente, prática reflexiva, conhecimentos, competências, desenvolvimento profissional (NÓVOA, 1992) e várias outras, que hoje fazem parte do cotidiano do professor, principalmente ao qual se refere a formação docente” (ALVES, 2007 p.256).

Em especial nessa pesquisa iremos falar e da ênfase sobre o professor reflexivo. Para Slomski e Martins, (2009) o conceito de professor reflexivo veio da necessidade da reflexão da prática e gira em torno das experiências profissionais como momentos de construção do conhecimento. Um professor reflexivo deve estar “atento a intencionalidade da sua ação, questionando continuamente seu agir, articulando seu conhecimento sobre a educação com sua prática educativa com flexibilidade para inventar caminhos quanto a situação concreta exigir soluções criativas” e “que participe ativamente no propósito da emancipação humana” (ARANHÃ, 2006, p.47).

5.1 JOHN DEWEY

No campo educacional o termo reflexivo tem origem nas ideias do sociólogo, filósofo, e pedagogo, norte-americano, John Dewey (1859-1952) que ficou muito conhecido aqui no Brasil na década de 90, por ser um dos pioneiros do movimento da Escola Nova de 1932, difundidas no país pelo educador e escritor brasileiro Anísio Teixeira.

Dewey fala da importância de pensar e é esse ato que nos difere dos outros animais. Além de ser uma capacidade emancipatória da ação precipitada e rotineira. O pensamento nos torna capazes de conduzir nossas ações com previsão e planejamento, no sentido de sermos conscientes, de agir e atingir futuros objetivos ou obter domínios nesse movimento de distanciamentos da ação. Converte uma ação impulsiva em uma ação inteligente. O ser que pensa é movido por resultados e talvez esse resultado seja encontrado anos depois do ocorrido. Para nos seres pensantes o passado nos faz

lembrarmos “assim como os fósseis nos narram uma história do que aconteceu na Terra primitiva, também nos fazem prever o futuro observando a posição dos corpos celestes se irá ter eclipse ou não” (DEWEY, 2010, p. 09). Quando as coisas que nos rodeiam fazem sentido e quando elas têm significado para nós, então é possível controlá-las intencionalmente.

Dewey em seu livro *Democracia e Educação*, de 1916, baseava-se na convicção moral que democracia é liberdade, ele afirmava que, a educação para a democracia requer que a escola se converta em “uma instituição que seja, provisoriamente, um lugar de vida para a criança, em que ela seja um membro da sociedade, tenha consciência de seu pertencimento e para a qual ela está inserida” (DEWEY, 1895, p. 224).

Já em 1933 publicou o seu livro: *Como pensamos*, esse livro foi muito importante para as noções de pensamentos reflexivos. Primeiro Dewey atribui sentido a palavra pensar como: 1) o ato de pensar ao acaso; 2) o ato de pensar ultrapassando a observação; 3) o ato de pensar apoiado em provas e testemunhas; e 4) o ato de pensar na perspectiva sobre suas crenças. Ao buscar explicar o conceito de pensamento reflexivo que tem como objetivo chegar a uma convicção, o autor afirma que “o pensamento reflexivo é um exame cuidadoso e prolongado de uma crença ou algo hipotético de conhecimentos, exame que apoiam a conclusões com base em argumentos sólidos e que exige um esforço consciente e voluntário” (DEWEY, 1953, p.8). Esforço esse que almeja superar a forma rudimentar, pois é baseada no exame de dados, procurando provas por meio da investigação que muitas vezes origina um processo penoso de inquietação e perturbação.

Para Dewey (1953), tanto a forma rudimentar quanto a complexa de reflexão revelam cinco fases distintas: “1) uma dificuldade, 2) a sua localização e definição, 3) a sugestão de uma possível solução, 4) o desenvolvimento do raciocínio no sentido de sugestão, 5) observação e experiência ou afastamento levando a conclusão” (p.78).

E como Dewey define primeiro o pensamento e a reflexão separado e como processos diferentes, ele considera a reflexão um processo mental que leva a ação reflexiva, são eles: a) um estado de perplexidade, hesitação ou dúvida e b) ato de pesquisa ou investigação tendo o objetivo de descobrir outros fatos que serve para contribuir ou destruir a convicção.

O pensamento reflexivo é, portanto, para o autor um “esforço consciente e voluntario para superar pensamentos primitivos, pois há necessidade de um exame de provas, investigação que passa por esse processo penoso da inquietação ou da perturbação” (SOUZA; MARTINELLI, 2009, p.09). Os autores citam uma relação entre o

pensamento reflexivo e a formação de professores que compreende uma forma de solucionar um problema através da investigação, a problematização motiva a ação reflexiva e o pensamento de forma a converter-se em conhecimento e a desenvolver a inteligência superando a forma rudimentar para um pensamento reflexivo.

5.2 DONALD SCHÖN

Em 1983 Schon retornou a ideia proposta por Dewey e sugeriu uma nova forma de o professor cumprir o seu papel enfrentando de maneira pessoal, a multiplicidade e refletindo continuamente suas tomadas de decisão e relembrando sempre que possível a reflexão. A reflexão, correlaciona de tão maneira que o professor reflexivo se iguala com o professor pesquisador. Para Donald Schön (2000) o professor reflexivo esforça-se ao ir de encontro do aluno e entender o seu próprio processo de conhecimento, ajudando-o a articular o conhecimento- na- ação que exige do professor a capacidade de individualizar o aluno, mesmo numa turma de trinta, tendo a noção do seu grau de compreensão e suas dificuldades. O autor descreve o professor reflexivo feito de momentos que é a reflexão na ação e reflexão sobre a reflexão na ação. O primeiro tipo é “quando se forma o conhecimento, explicita e verbaliza, de modo que se percebe o distanciamento da ação e o refletir sobre ela, no segundo se trata-se de olhar retrospectivo para a ação e refletir sobre o momento da reflexão na ação: o que aconteceu, o que o professor observou, que significados atribuiu e que outros significados podem atribuir ao que aconteceu” (SILVA, 2000 p.02).

A reflexão sobre a prática, segundo Schön (2000), pode se dar em diferentes categorias e momentos: i) conhecimento-na-ação, que se manifesta no saber-fazer, na solução de problemas da prática, fruto da experiência e de reflexões anteriores; ii) reflexão-na-ação, que se refere aos processos de pensamento que se realizam durante onde desenvolvimento da experiência, tendo como objetivo identificar os problemas que surgem durante a ação e promover mudanças no curso da intervenção; iii) reflexão sobre a ação, que ocorre num momento posterior à intervenção e no intuito de repensar o vivido, descrevendo e objetivando o que já ocorreu; iv) reflexão sobre as reflexões-na-ação, que implica um distanciamento maior da ação e a interpretação e investigação do próprio processo, permitindo uma revisão contínua da prática. (VILLANI;FREITAS;BRASILIS,2009,p.480)

Para Schön (2000) o desenvolvimento do aluno apresenta dois lados inseparáveis: um aprender a ouvir os alunos e o outro aprender a fazer da escola um lugar ao qual seja possível ouvir os alunos, uma prática reflexiva eficaz que integre o contexto institucional e crie espaços de liberdade tranquila onde a reflexão-na-ação seja real. Para a formação dos professores Donald Schön caracteriza de uma prática reflexiva como o aprender fazendo, em que os alunos começam a praticar mesmo fazendo.

5.3 ANTÓNIO NÓVOA

António Manuel Seixas de Sampaio de Nóvoa, nascido em 12 dezembro de 1954 na cidade de Valença dos Moinhos em Portugal. Ele é autor de mais de 100 trabalhos científicos voltados para o campo da pedagogia voltados para em aspectos intra-escolares, como currículos e competências, formação inicial e continuada e processos de aprendizagem.

As contribuições de Nóvoa para este trabalho reafirma o percurso do professor com o desenvolvimento pessoal e a formação docente. A formação na visão de Nóvoa (1992) afirma que a formação deve estimular a perspectiva crítica-reflexiva no pensamento que facilite a autoformação e que o professor é agente participativo nesse processo. Estar em formação é um investimento pessoal, em que o professor também exerce a construção da sua identidade, tanto do ponto de vista profissional quanto pessoal. Afinal uma parte importante do professor é a pessoa. É essa perspectiva que Nóvoa traz de novo é o encontro entre a dimensão pessoal e profissional, permitindo que o professor seja parte do processo de formação e dando sentido às suas histórias de vida através de reflexividade crítica sobre a prática e a relevância de investir na pessoa do professor e ao saber das experiências são momentos de produção da sua vida como professor e como profissional.

Para Nóvoa (1992), o conceito de professor pesquisador e de professor reflexivo são maneiras diferentes de os teóricos da literatura pedagógica abordarem uma mesma realidade. O professor pesquisador é aquele que pesquisa ou que reflete sobre a sua prática. Portanto, se está dentro do paradigma do professor reflexivo. Esses conceitos fazem parte de um mesmo movimento de preocupação com um professor que é um indagador, que assume a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, de reflexão, de análise.

5.4 ISABEL ALARCÃO

Maria Isabel Lobo de Alarcão, nasceu 9 de março de 1940 em Coimbra, Portugal. Licenciada em filosofia germânica, iniciou a sua atividade em 1967 como professora eventual, realizou funções de orientadora pedagógica nos estágios de formação inicial de professores. Após sete anos de atuação no ensino secundário, foi convidada para integrar projeto de lançamento do curso de formação de professores na Universidade de Aveiro. Ela teve um papel importante na concepção do Centro Integrado de formação de professores, nessa mesma Universidade veio a ser presidente nos anos de 1986 a 1988, também foi reitora nos anos de 2001 e 2002. Durante oito anos exerceu a carga de vice-diretora cuidou do pelouro científico da área de educação e formação. Desde 2005 exerce funções de avaliação e consultoria e continua a escrever.

Em seu livro: Professor reflexivo em uma escola reflexiva, ela traz a ideia de professor reflexivo que se baseia na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como um mero reproduzidor de ideias práticas que lhes são dadas. No seu livro ela fala que essa visão de reflexão na educação vem das universidades europeias e resultam em mudanças como: inter-relacionando ciclos, estudantes (incluindo os professores) e o desenvolvimento de novas competências.

A competência é entendida pela autora como “saber fazer bem”, ou seja, mobilizando saberes e utilizando-os, compreendendo, observando, e analisando e refletindo, preparando para mudanças, aprendendo de modo independente. Para lidar com a informação na sociedade da aprendizagem é importante filtrar informações, organizar e inteirar professor-aluno, saber-uso. Os alunos na sociedade da aprendizagem devem aprender a aprender ao longo da vida, relacionando as coisas ao seu redor com sentido. A sala de aula é o lugar onde se produzem conhecimentos, e as informações devem ser passar com responsabilidade e autonomia. A iniciativa científica amplia o gosto pelo saber. A criatividade e responsabilidade são fatores essenciais de aprendizagem.

Os professores na sociedade da aprendizagem devem ajudar o aluno a desenvolver a competência de aprender, dar suporte, estrutura e estimular a aprendizagem e autoconfiança, direcionando a informação processual, produto da análise crítica, ver do que precisam. Para isso, se atualizar e desenvolver suas competências de aprender a aprender.

A escola na sociedade da aprendizagem transforma o aluno em ativo, em salas de aulas e em atividades extras curriculares. Deve ser repensada e reformulada

contextualizada e relacionada com as pessoas que as constituem, tornando-se autorreflexivas e críticas, sabedora de sua missão social; deve ser autodirigida de acordo com a realidade e seus problemas, tirando proveito das novas tecnológicas como meios de pesquisas, contextualizando-se, professore-alunos-escola.

A formação do professor reflexivo deve ser ativa. Este deve processar informações com cuidado e criticamente. Tal reflexão deve ampliar seu desempenho e competência profissional visando ao todo (motivo de atração pela profissão). Professor e escola devem agir relacionados, a escola deve fornecer infraestrutura para fazer a ponte entre seus membros. Com criatividade, capacidade de encontrar meios de como interagir na vida social, o professor deve tomar abertura para aprender e ensinar essa visão para seus alunos. A formação crítica, reflexiva, deve combinar observações para resolver os problemas, numa visão de valorizar a relação professor-aluno.

A pesquisa-ação é analisar um problema encontrar uma solução em partes para resolvê-lo (observar, refletir, planificar e agir). Abordar problemas com perspectivas de solucioná-los de modo reflexivo, transformar em aprendizagem. Para complementar a pesquisa e ampliar a reflexão temos: 1) Análise de Caso: de acontecimentos teorizados com valor explicativo, que pode ser explicado, interpretado discutido, dissecado e reconstruído. Além de ser uma ferramenta de formação tem embasamento teórico. 2) Narrativas: narrar é um hábito que constitui reflexão, analisando situações, sistematizando reflexões, compartilhando pensamentos. Casos e narrativas caminham juntos transmitidos tornam-se narrativas elaboradas que torna viável o conhecimento. 3) Portfólio: seleções de fatos ou resultados. Promove o desenvolvimento reflexivo, fundamenta a reflexão, facilita a auto e hetero-avaliação. 4) Perguntas Pedagógicas: o caráter formativo é o moto do desenvolvimento e da aprendizagem reflexiva, propicia a compreensão e é a base de outras estratégicas. 5) Conclusão: a formação profissional reflexiva deve incluir a intenção de conhecer o mundo. Seu trabalho deve estar em parceria com a escola e a comunidade junto com conhecimento da compreensão das informações.

Portanto para a autora um professor reflexivo é esse que tem a informação e ter o discernimento dela o professor faz parte da escola, ele é um organismo vivo, em desenvolvimento e em aprendizagem, para uma escola ser reflexiva ela precisa da comunidade com atores sociais que deve unir a sociedade com um objetivo em comum: que é educar. Ela faz essa ligação da sociedade adulta com crianças e jovens em

desenvolvimento e é claro ela deve estar contextualizada com a cultura local e articular com o contexto nacional e global.

6- DIÁRIOS DE AULA, NARRATIVAS E FORMAÇÃO REFLEXIVA NO CONTEXTO DO ENSINO DE CIÊNCIAS

Na certeza de que temos uma história de vida cheia de experiência e que ao refletimos e expomos essas histórias damos sentidos a nossa própria existência e ao mundo ao qual pertencemos. A realidade ao qual estamos inseridas é percebida por cada um de nós de um modo muito pessoal e particular, damos significado as situações por meio do nosso mundo e de nossas crenças, criada a partir da nossa cultura e do grupo social em que estamos inseridos.

Para Vygotsky (1979) somos produtos culturais, assim como a linguagem e os símbolos que usamos na nossa representação de realidade. A linguagem é o meio de exteriorizar o nosso pensamento sobre as coisas, e o pensamento é o modo de organizar a consciência e a ação, ou seja, “no seu conjunto, linguagem e pensamento, refletem os instrumentos da cultura e da ação” (GALVÃO, 2005, p.329). Neste contexto, o modo interpretativo permite a apropriação dessa realidade e autonomia de agirmos sobre ela e, por meio dele é que vamos construindo um caminho próprio feito de cruzamento de histórias que vivemos, e outras que ouvimos contar.

Quando falamos de narrativa temos que deixar claro seu significado, embora é sabido que existem vários significados com relação as narrativas. Para esse trabalho achamos pertinente a conceituação de Connelly e Clandinin (1990), na qual dizem quem a narrativa é o estudo das diferentes maneiras como os seres vivenciam o mundo.

As autoras estabelecem ainda a diferença entre a história e a narrativa, dizendo que “o fenômeno cria a história, já o método que a investiga e a descreve se concretiza numa narrativa” (GALVÃO, 2002, p.328), por entender que a “narrativa é marcada pela forma como “nós experienciamos o mundo”, e continua “somos seres contadores de histórias” (*idem*, p.328), tanto professores quanto alunos são contadores e personagens de suas próprias histórias, pessoais e sociais (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p.11).

Portanto “a experiência pessoal do professor pode servir como base para a formação docente, seja inicial ou continuada, pois o ato de refletir a vida, provoca um repensar das ações e da forma de aprender a profissão” (FERNANDES; LOPES, 2011, p.36). Para Carter (1993), o interesse das histórias de professores está ligado na reflexão

em ação, seus argumentos e por classificar os professores como investigadores das suas práticas. Experiência essa conceituada pelo Larrosa (2002) como “tudo que nos passa, tudo que nos acontece e tudo que nos toca” (p.21), deixando claro que o tudo ao qual o autor se refere é o tudo que foi significativo para a pessoa.

O método narrativo, na ideia de Cortazzi (1993), é adequado para analisar histórias de professores, uma vez que nos oferece um meio de ouvir suas narrativas para melhor entender sua cultura do seu ponto de vista. Para Chapman (1992) o modo como os professores organizam suas aulas interagem com seus alunos, narram suas explicações, seus exemplos, suas analogias envolvem suas crenças seus valores, podem ser vistos como construir e reconstruir a história da sua experiência pessoal. O professor é a história. Os professores não só trazem para a escola uma história pessoal que dá sentido a suas ações, mas vive uma história que os ajuda a dá sentido ao mundo o “ato de contar história tem um poder sobre o que narra” (DELORY, 2011, p.529).

É, portanto, sobre esse poder de agir do relato, que dá início ao processo da ação e do desenvolvimento dos sujeitos. O poder da narrativa é tanto que “quem ouve a narrativa também extraí significados” (SOUSA; CABRAL, 2015, p.150), pois o significado também depende dos ouvintes e do papel para que ela tenha sentido. Segundo Galvão (2005) “significados esse que é fluido e contextual, não é fixo, nem universal” (p.331), pois as narrativas não é uma busca da verdade, elas não estão abertas à comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço (ABRAHÃO, 2009, p.14).

Um elemento importante das narrativas são as memórias, pois quem narra utiliza-se da memória, fazer uso da “memória é fazer um exercício de voltar atrás, buscar aquilo o que nos afetou ou afeta, que nos deixou marca, é vir à tona fatos e passagens que nem sempre são satisfatórios, acrescentado o desejo de mudança ou de ter sido diferente” (OLIVEIRA, 2014, p.121), e continua dizendo que “rememorar é organizar o pensamento em forma de relato escrito, oral, visual. Buscar uma organização do pensamento para melhor externalizá-lo” (*idem*, p.121). Além da memória outro elemento importante é espaço e tempo da narrativa, a “rememoração permite que dimensões pessoais esquecidas possam ser recuperadas e situadas no tempo, onde as lembranças se cruzam no passado, no presente e na perspectiva do futuro” (SOUSA; CABRAL, 2015, p.150).

No âmbito educacional as narrativas tornam-se, importantes para o contexto de formação em que se concebe ao professor ser autor de histórias que se constituem a partir

de diversas situações da sua rotina profissional. As pesquisas revelam que os professores, quando falam sobre as suas dificuldades no seu fazer docente, ele leva ao mesmo tempo, dados de sua trajetória de vida. Segundo Sousa e Cabral (2005) isso “aponta para diferentes modos de ver, conceber a prática profissional e promover avanços significativos na formação docente” (p.152).

Nas pesquisas narrativas normalmente se faz por registros escritos ou relatos que apresentam através das diferentes instrumentos (objeto que serve para executar um trabalho) e técnicas (maneira de como realizar esse trabalho) para o processo de reflexão da prática docente, na busca do desenvolvimento pessoal e profissional desses docentes são eles: os diários de aula que se apresenta como instrumento ou técnica, que “permite ao professor investigar e refletir sobre a prática educativa, testemunho biográfico da sua experiência” (PORLÁN; MARTÍN, 1997, p. 18).

O memorial que é um texto em que o autor relata a própria história de vida, evidenciando fatos que considera mais relevantes no decorrer de sua existência seja como prática reflexiva no contexto institucional de formação de professores (ABRAHÃO; PASSEGGI, 2012) seja no contexto pessoal e particular. A carta é um instrumento uma forma de comunicação. Estabelece uma ligação direta entre o leitor e o escritor e é um dos gêneros literários mais antigos. É uma forma de comunicação manuscrita ou impressa que pode ser destinada a uma ou mais pessoas (SOUSA; CABRAL, 2015, p.155).

A entrevista narrativa configura-se como a técnica de coleta de dados utilizada na pesquisa. Essa técnica de entrevistas, “deve possuir regras claras, por exemplo: como ativar o esquema da história; como incitar as narrações dos entrevistados; e depois de iniciada a narrativa, conservar a narração, seguindo a mobilização do esquema autogerador” (SOUSA; CABRAL, 2015, p.154) e muitos outros.

Além disso temos as diferenciações terminológicas que constam nas pesquisas narrativas são elas biográficas que é caracterizada como a escrita da vida de uma outra pessoa podendo ser por exemplo histórias de vida (contada pela própria pessoa) e histórias de vida (trabalho com diversos tipos de documentos com visita e estudar a vida ou o grupo de pessoas). Apresentam também material biográfico primário de narrativa ou relato colhido por um pesquisador ou material biográfico secundário por meio de diários, fotos, correspondência ou documentos. Narrativas autobiográficas: é a escrita de sua própria história. Relatos de vida expressão do vivido oral ou escrito. Esse campo das narrativas é vasto o que pode render muitas pesquisas e claro um desenvolvimento desses profissionais em educação

Já a perspectiva autobiográfica foi utilizada inicialmente no campo da Sociologia, nas décadas de 20 e 30. No campo educacional essas pesquisas sobre as escritas de si no processo de formação e profissionalização expandiram aqui no Brasil a partir das décadas 80 e 90. O processo de reconhecimento da pesquisa autobiográfica foi lento pelo fato desse “tipo de pesquisa ser impregnado de subjetividade, que não condizia com o rigor de uma pesquisa científica” (SANTOS; ESTEVAM; MARTINS, 2018, p.46), e prosseguem dizendo “esse cenário só mudou pelo fato que a Ciências acompanha os acontecimentos históricos e seus personagens” (*idem*, p.46). Foi então a partir desse momento que as “narrativas poderiam ser entendidas como parte da história, pois acompanha uma nova concepção dos fatos narrados e seus personagens” (CAMARA, 2012, p.12) podendo assim atuar no campo científico.

Para Santos, Estevam e Martins (2018) a pesquisa (auto)biográfica pode ser entendida como estratégia de investigação qualitativa, a partir das narrativas das histórias de vida dos grupos humanos, sua leitura de mundo, seus sentimentos, percepções e interações com o contexto social em que estão situados.

Segundo Passeggi, Souza e Vicentini (2011) os “estudos sobre a profissão docente voltaram-se para como os professores vivenciam os processos de formação ao longo de suas experiências, privilegiando a reflexão sobre essas experiências vivenciadas na docência” (p.369). Para esses autores, assim como para Eggert e Silva (2012) “ao narrar-se o sujeito constrói um estilo e um estudo em torno da sua narrativa, analisando seus processos formativos” (p.53). Essa preocupação em pesquisar a história, o cotidiano, os professores, os alunos são fundamentos que já eram reconhecidos por Paulo Freire quando ele cita a importância da historicidade com a proposta de gerar temas para que o sujeito conseguisse lê a palavra e o mundo.

6.1 OS DIÁRIOS DE AULA

A escrita sobre o que se passa em sala de aula pode começar por questionamentos, que apesar de parecerem questionamentos simples, as respostas são complexas e difíceis. Essa ação de escrever o que se passa em sala de aula contribui para uma formação mais crítica segundo Alarcão (1996), Porlán e Martín (1997). Neste sentido Cechin (1999) diz que “esse tipo de questionamento requer tempo para pensar sobre os acontecimentos isso implica em questionar a sua prática é esse tempo que os professores não querem em sua

grande maioria disponibilizar para pensar sobre o que eles fazem como professores” (p.01).

A busca do ensino que promova a reflexão sobre a prática envolve posicionamento diante do dia a dia do professor, e esse processo não acontece do dia para noite. Uma das possibilidades de trabalhar a construção de uma atuação crítica é na universidade como formação inicial, porém esse é um processo gradual que acontece também na formação continuada dos professores é preciso pensar e ter responsabilidade sobre sua prática docente. Nesse sentido, “o ato de escrever o que se passa na sala de aula pode ser apresentada como alternativa concreta” (CECHIN, 1999, p.01).

Para Cechin (1999) “as narrativas que relatam os fatos e servem como consultas são chamadas de diários” (p.01). De acordo com Zabalza (1994), Porlán e Martín (1997), os diários consiste num conjunto de narrações que refletem as perspectivas do professor, nas dimensões objetiva e subjetiva, sobre os processos mais significativos da sua ação.

Um dos benefícios dos diários e do seu uso é permitir refletir sobre sua prática e sobre sua vida. O diário pode ser entendido como “um guia de reflexões sobre a prática, favorecendo a tomada de consciência do professor sobre seu processo de mudança e sobre seus modelos de referência” (PORLÁN; MARTÍN, 1997, p.64).

Inicialmente quando se começa a escrever num diário as frases são muito simplificada, os eventos parecem não ter ligação, não se consegue estabelecer uma ligação entre situações e os acontecimentos. A tendência é dar sentido aos aspectos pessoais da personalidade do professor ao “invés de analisar os contextos ou a influências de terceiros” (CECHIN,1999, p.02).

A atividade docente é impregnada de subjetividade que se descreve e são percebidas nas narrativas do diário de forma espontânea e natural. O afastamento da subjetividade vai acontecer se aos poucos desenvolve um “grau de diferenciação consciente entre o que se descreve espontaneamente e o que se pode fazer disso” (PORLÁN; MATÍN, 1997, p.25).

Os diários são narrativas que se reconhece os problemas, o problema pode ser uma ação, uma situação ou um planejamento. Um dos motivos dos professores relacionar o problema aos alunos está associada a suas crenças e valores, essas crenças e valores fazem parte das concepções que os docentes têm das suas experiências e dele como pessoa. À medida que o problema é investigado, se torna mais claro e restrito. Pois aos poucos, “os questionamentos vão buscando uma análise mais profunda e direcionada para possíveis causas do problema” (CECHIN,1999, p.02). Os discursões dos diários não são só

relacionados a problematização, mas é uma busca de novas soluções usando a prática docente num caráter investigar e reflexivo.

6.2 AS CONDIÇÕES PARA A ESCRITA DO DIÁRIO

Já “os diários de aula são documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas (ZABALZA, 2004, p.13). Em razão desse entendimento, o diário se torna uma espécie de conselheiro, em que sempre é possível voltar aos registros para rever o que foi realizado, possibilitando uma constante reflexão do fazer docente. Nos diários de aula, há uma integração da “narrativa como a formação que contribui para o desenvolvimento profissional dos professores por meio da memória, da escrita, do afastamento da ação docente, da reflexão, não mais na ação, mas sobre as ações” (SOUSA; CABRAL, 2015, p.152). Esse processo permite ao profissional conhecer a si mesmo, tendo em vista a perspectiva de questionamento mais organizados, de compreensão de pontos que o incomodam e de aprofundamento do conhecimento, num movimento contínuo que permitirá a melhoria da sua atuação docente.

Voltando as várias denominações para se referir a essa técnica de documentação podendo ser chamada de: diário de aula, histórias de aula, observações de aula entre outros, o que todos esses documentos têm em comum é que eles precisam apresentar uma frequência de escrita, pelo menos duas vezes na semana. Porém o próprio autor afirma que a definição é voluntária aberta tanto para os conteúdos, como para o processo de coleta e análise de dados isso se justifica por possuírem uma estrutura narrativa muito flexível.

A princípio, o diário pode ser escrito de maneira que mais agrade a pessoa que irá escrever. O que acontece é que, variando as condições e a forma de fazer o diário, variam também suas possibilidades e suas possíveis contribuições. Por essa razão é fundamental seguir um certo padrão de condições para que melhor acomode a função que o diário pretende desenvolver em cada caso. Assim Zabalza (2004) estabelece cinco condições para que essa escrita dos diários possa seguir um certo padrão são elas: solicitação, periodicidade, qualidade, conteúdo e duração.

1) Solicitação: pode se referir as condições sob as quais se espera dar a narração no caso de ser escrito por iniciativa do professor. Essa solicitação pode ser mais aberta quando se deseja escrever coisas referente a vida do professor, como pensamentos íntimos e até mesmo a vida pessoal, ou qualquer coisa que o professor deseja falar e fechada

quando se refere somente a aula e a vida profissional ou somente um tipo de informação designada que o docente queira. A solicitação pode se referir também as condições sob as quais se espera que se desenvolva os diários. O mais interessante segundo Zabalza (2004) é fazer a solicitação de forma aberta, pois o profissional cria autonomia sobre o que e por que escreve dessa ou daquela maneira.

2) Periodicidade: que pode ser semanal e deve conter pontos relevantes como: a) Regularidade organizando e dando continuidade as anotações. b) Representatividade nos fatos narrados, partindo do princípio de que o diário deve ser um reflexo, mais próximo possível da realidade dos professores. c) Continuidade quanto a estrutura, os conteúdos devem apresentar um mesmo parâmetro para que não se perca quanto a sua leitura.

3) Qualidade da escrita: é uma questão que não é de suma importância, o que conta é as informações escritas que pode ser de uma forma resumida ou ampla isso vai da particularidade de cada professor ou professora. A questão importante aqui é garantir que haja informação suficiente para poder extrair da narração o que o narrador quer refletir no texto.

4) Conteúdo dos diários: esse ponto depende muito do tipo de solicitação podendo ser aberta ou fechada, como o tipo de conteúdo se incorpora ao diário faz parte da visão que o professor oferece da situação narrada, esse aspecto não é limitado, por ser uma forma flexível não impede que tenha ambas características, como esse é um diário íntimo, é possível até apresentar palavras de baixo calão e até mesmo permitindo julgamentos sobre a instituição ou sobre as pessoas com quem esses professores trabalham. Porque o autor defende um conteúdo sem censura, e essa é a realidade dos professores, isso permite uma análise também desses sujeitos podendo transformar numa oportunidade de formação. Lembrando que esse é um julgamento que deve ser adotado dependendo das circunstâncias e das particularidades de cada diário, pois essa não é a finalidade do diário, mas esse tipo de elemento constitui também das expressões e das experiências dos professores, portanto podem estar nos diários e serem analisados.

5) Duração dos diários: que é o tempo que se deve escrever o diário. O diário é um recurso que deve ter duração de médio a longo prazo. A duração não se deve ser menor que o período ou processo estipulado pelo professor é lógico que precisa limitar a duração visto que essa é uma atividade documental e precisa ser analisada posteriormente. Porém narrações curtas ou pontuais, permitirá uma análise do que aconteceu nos momentos narrados, mas fazer uma leitura mais analítica e vê como foram mudando as coisas exige tempo.

De modo metodológico os diários de aula fazem parte da linha de pesquisa baseado em documentos pessoais ou em narrações autobiográficas, como é um desenvolvimento pessoal e profissional do professor pode ser estruturado de uma forma muito personalizado.

6.3 MODALIDADES DE DIÁRIOS

Os diários são muito versáteis podendo variar de conteúdo, periodicidade e pela função que podem cumprir podendo segundo Zabalza (2004): 1) Jornalístico - esse tipo de diário é de natureza descritiva com linguagem própria do jornalismo; 2) Analítico - esse tipo de diário o observador coloca informações específicas do que se deseja observar; 3) Etnográfico - leva em consideração aspectos físicos, social e cultural em que ocorrem ao narrador. Os eventos estão ligados ao conjunto maior que interagem entre si; 4) Avaliativo - é uma forma de tratar os fenômenos dando-lhe um valor ou julgamento; 5) Terapêutico - servem para descarregar as tensões de quem escreve num processo catarse (liberação ou expulsão) pessoal; 6) Criativo e Poético - a narração corresponde não só aos critérios de refletir a realidade, mas também a possibilidade de imaginar ou criar situações que se narram; 7) Introspectiva - quando o conteúdo do diário se volta para nossos pensamentos, sentimentos, vivências; 8) Reflexiva - quando a narrativa responde o processo de *thinking aloud* (pensar em voz alta) na busca de organizar as próprias ideias sobre o tema tratado.

Esses são alguns diários de aula, embora tenha uma vasta função, alguns funcionem melhor no processo de desenvolvimento profissional que outros. Os diários apresentam duas variáveis importantes: uma é a riqueza informativa que o diário apresenta. Para um diário ser considerado rico, depende da informação que se oferece nele. Por exemplo um diário apenas introspectivo perde sentido de diário de aula por estabelecer só narrativa particulares. Então o que é considerado um bom diário? É aquele que conta com os contraste objetivo-descritivo, ou seja, um pouquinho dos dois, falar da vida profissional mais também falar dos significados das situações, as motivações, as crenças, as justificativas do docente por agir de uma determinada forma.

Outro ponto é a sistematicidade das observações recolhidas. A principal contribuição dos diários diferentes das outras técnicas é permitir fazer a leitura entender (reflexão) ou estudar uma situação (diacrônica) podendo analisar a sua evolução dos fatos.

6.4 QUANDO ESCREVER UM DIÁRIO?

Qualquer oportunidade é uma boa oportunidade para escrever. E muito são os benefícios de escrever tais com: promove o desenvolvimento pessoal e profissional, organiza o pensamento, alivia o estresse, melhora a fala, incentiva a leitura, amplia o vocabulário, melhora a saúde, além de ser uma atividade gratificante. Embora, para muitas pessoas incluindo os profissionais em educação, escrever se transformou em um sacrifício, justificado pela falta de técnica ou até mesmo pela falta de tempo ocasionada pela jornada de trabalho, o que é preocupante.

Pois os profissionais da educação são pessoas que trabalham com a escrita, portanto deveria conhecer o básico da técnica, de fato são poucos os profissionais que registram sua prática espontaneamente, visto que escrever na nossa profissão não é comum, culturalmente os profissionais da educação só escrevem quando é preciso ou são obrigados por exemplo, o trabalho final de conclusão de curso ou quando são preocupados quanto sua formação ou sua vida acadêmica.

Segundo Bandeira (2006) aponta três fatores, que cita as dificuldades de os docentes não registrarem suas práticas: Primeiramente escrever naturalmente exige um esforço, que muitos professores alegam ser um esforço grande para dedicar a narrativa associada com a jornada de trabalho e outros a fazeres dos docentes. Segundo a narrativa é uma técnica que sofre com a resistência, visto que os professores não têm a cultura de relatar suas ações em sala de aula. Terceira ao fato de os professores julgarem suas práticas não serem significativa para registrar o seu trabalho docente.

Porém os diários também tem seus benefícios para o professor segundo Romero (2013): desenvolve a criticidade, auxiliam na interação interpessoais do professor-pesquisador, professor-aluno, edificam profissionalmente os docentes, registram o desenvolvimento em formação inicial e continuada dos docentes, contribui para a construção da identidade e transformação, estimula a reflexão e autoanálise, incentiva a autonomia, provocam reflexão tanto na prática quanto nas ações em sala de aula, além de ser uma técnica que não exige gasto financeiro.

Mas quando convém escrever o diário? Em algumas ocasiões seria interessante fazermos o uso dos diários. Zabalza (2004) cita alguns desses momentos:

1) Quando se queira, ou quando necessita de um distanciamento ou das situações que estamos vivendo ou situações já vividas.

É preciso um distanciamento para obter um certo controle sobre as situações que estão sendo narradas. Essa experiência se tem quando deparamos com situações fortes demais ou situações que os professores ainda se sentir afetadas por elas. Ao narrar o fato, fará com que a situação se reconstrua de forma menos emotiva fazendo com que a pessoa possa controlá-la melhor. A vantagem segundo Zabalza (2004) que a escrita permite o distanciamento ainda maior que a narrativa, permitindo maior controle sobre ela. Ser professor exige um envolvimento pessoal se importar sempre vai ser uma alternativa adequada na nossa profissão.

Tal envolvimento é tão grande que há momentos que não sabemos diferenciar o profissional do pessoal. Mas existe momentos que necessitamos como profissionais fazer esse distanciamento da nossa prática para vê-la de forma mais consciente. É essa capacidade de se distanciar que permite sair de nossa perspectiva para observar nossa atuação e modificar ou reajustar o papel que desempenhamos em sala de aula. Essa é uma perspectiva que os diários oportunizam.

Essa é uma busca pessoal, é um encontro de você com você mesmo e nem sempre é fácil, depois de um dia cheio de coisas sem muito tempo nem energia é um momento que precisa ser seu, é dá um passo para trás e se colocar na posição de observador e fazer a reconstrução de um dia cheio de significados. Essa reconstrução de alguns momentos que coloca o docente na qualidade de observador possui um duplo sentido: um é porque se trata de algo que já passou e o ou é transformar essas experiências, em algo que eu construo em palavras. Com esse duplo sentido, é possível recuperar uma certa objetividade e controle sobre o que está sendo narrado.

2) Quando se participa de empregos que requerem um envolvimento pessoal grande.

Como o diário é uma expressão pessoal, ele é uma forma de externalizar o que se passa dentro, escrever o diário, esse mecanismo pode facilitar o processo de exteriorização. O que pode ser útil ao docente visto que os profissionais em educação possuem essa característica. Não são todos os profissionais que se envolve, mas a grande maioria é vulnerável aos problemas das escolas e dos alunos, por esse forte envolvimento. Nesses casos os diários oportunizam maior controle no que se passa na vida dos docentes, pois permite colocar para fora os sentimentos, as experiências, as vivências que estão acumuladas e ao ser narrada ajudam a termos controle sobre elas.

3) Quando se quer encontrar um próprio estilo de trabalho.

Um dos principais objetivos de se usar diário é encontrar a si mesmo e buscar descobrir a melhor forma de trabalho. Essa documentação pode ser considerada um produto do trabalho que o docente exerce. As experiências vivenciadas se transformam em documentação, acessíveis e que pode ser sujeitada a análises. Isso vai acontecendo na narração, quando contamos recuperamos as lembramos, ao colocarmos no texto escrito, vai completando o sentido das coisas ali contadas. Quando o professor acaba de escrever suas impressões depois do seu dia, ele tem uma visão mais nítida, podendo revisá-la e analisá-la.

Essa realidade que o diário oferece em duas perspectivas do trabalho realizado: perspectiva sincrônica e diacrônica. Sincrônica se trata da narrativa feita pontualmente em cada unidade narrativa registrada em cada parte do diário. Diacrônica é aquela que acontece na narrativa ao longo do tempo que se escreve o diário. Dessa forma, as pessoas que registram no diário, terão noção tanto do conhecimento do seu cotidiano quanto ao longo dos registros como faziam as coisas, como mudaram com o tempo com os problemas, com as situações, como se sentiram. Sendo assim os diários é um recurso muito valioso no autoconhecimento do docente.

4) Quando sentimos que estamos sendo pressionados e ou acumulando, muita tensão interna.

Essa situação também é muito oportuna para escrever um diário, quando sentimos que acumulamos muita tensão pessoal. As razões podem ser muitas, pois é um sentimento próximo do esgotamento como se a qualquer momento pudéssemos estourar ou quando as reações estão desproporcionais para as situações. O diário proporciona um mecanismo chamado de catarse protegida quando escrever assumisse canais de saída para tensão. Ao escrever, organizamos racionalmente as ideias e o que emocionalmente aconteceu, isso permite construir uma autonomia emocional. De outra forma refere-se de uma atividade realizada muito intimamente para proporcionar autocontrole dos sentimentos. A intenção dos diários estabelece um tipo de conversação terapêutica com si mesmo.

Lembrando que os diários não curam e nem resolve os problemas, mas ele ajuda a passar por esses momentos e saber controlá-los. O que está nos pressionando é narrado pela escrita torna mais consciente e um pouco mais racional.

5) Quando se está participando de pesquisa de alguma avaliação ou algum processo que seja importante documentar os passos e a mudança das diversas dimensões do trabalho em curso.

É importante documentar o processo principalmente se esse processo oferecer alguma instabilidade quando ele apresentar o caráter formativo e não só pesquisa. Ao documentar o processo e perceber as dificuldades enfrentadas, as reações, as preposições, os sentimentos, entre outros. No lado pessoal interessa saber como foram enfrentados o processo, o que foi os instantes bons e ruins e que tipo de sensação se teve ao longo da trajetória.

Por fim, como vimos, escrever o diário é interessante por muitos motivos um pelo desejo pessoal quando achamos oportuno registrar dados ou impressões sobre o trabalho ou sobre momentos vivenciados extremamente íntimos e particulares. Essa opção de voltarmos sobre os fatos em uma hora mais calma e analisá-los sozinhos ou acompanhados é uma oportunidade de escrever os diários. Em todas essas situações ou circunstâncias os docentes podem favorecer-se do uso dos diários principalmente no caráter formativo. A análise dos diários permite uma reflexão que vai além da aprendizagem dos alunos. O professor consegue auto avaliar sua prática e a si mesmo, com mais criticidade e isso lhe permite desenvolver melhor o seu papel em sala de aula e suas práticas.

Na formação dos professores os diários são importantes quando se deparam com as aprendizagens práticas ou situações reais de aprendizagens profissional e pessoal. Por meio da narração os diários têm uma capacidade de racionalizar a experiência vivida, seu modo de agir, medos, atitudes, além dessa busca pessoal de melhorar o trabalho como organizar-se, desenvolve estratégias, planejamento, ele nos torna mais senhores dos nossos sentimentos.

6.5 MOMENTO E FRAGMENTAÇÃO DOS DIÁRIOS

Um momento é uma duração temporal confrontado com a noção de instante. O momento é então um espaço-tempo de uma duração com certa densidade que varia de pessoa para pessoa segundo Hess (2006). O momento dos diários é uma maneira de preservar a memória das descobertas de ideias e de suas reflexões do dia a dia. Assim como um médico quando examina seus pacientes, ele aprende a olhar e depois identificar os sintomas, a traduzi-los e deles tira suas conclusões. Não há sintomas sem significação. Essa tomada de consciência do que foi vivenciado, permite numa situação de momento que o indivíduo estabeleça novos critérios ligando elementos construtivos para a mesma situação ou para situações diferentes.

O diário é uma escrita de fragmentos, portanto o que foi vivenciado é sempre uma parte do todo e não ela completa. Reconstruindo assim as lembranças, permitindo explorar os três tempos da narrativa o passado o presente e o futuro além das dimensões daquilo que foi escrito.

7. METODOLOGIA

A metodologia utilizada nessa pesquisa é de cunho qualitativo, por possibilita investigar os motivos, os significados, as aspirações em um determinado contexto ou fenômeno. Segundo Ludke e André (1986) “esse tipo de pesquisa é muito usado na área da educação” desde a década de 70.

Dado o nosso interesse em analisar o diário de aula, escolhi como delineamento de pesquisa a pesquisa narrativa, mais precisamente a narrativa autobiográfica, por permitir interpretar o mundo de uma forma bastante particular e subjetiva, de acordo com narrativas que vão sendo tecidas da história de vida do participante.

7.1 TÉCNICA DE PESQUISA

Os diários de aula foi a técnica utilizada para produzir as narrativas, já que a presente pesquisa pretendeu discutir algumas possibilidades de abordagem dessa técnica como portadora e construtora de sensibilidade, considerando as diferentes situações que envolve a prática docente e as justificando de acordo com a minha trajetória levando em consideração a afetividade dessas situações que foi problematizada como objeto dessa pesquisa.

7.2 PARTICIPANTE DA PESQUISA

Como uma pesquisa autobiográfica, essa pesquisa é uma fala de mim, pra mim mesma. “Narrar a minha história de vida a outras pessoas significa revelar o sentido da minha vida” (ABRAHÃO,2004, p.09) e da minha prática docente. Esse foram relatos que eu escolhi de pequenos e grades acontecimentos podendo ser aberta que envolve outros assuntos como por exemplo a minha vida pessoal ou fechados por envolver só assuntos do cotidiano da vida como professora. Já trabalho com a educação ou projetos ligados a educação a cerca de oito anos, em projetos tanto na faculdade quanto fora dela.

A ideia dos diários inicialmente foi usada só para anotar os principais fatos que acontecia na sala de aula e minhas percepções. Hoje em dia esses diários são além de

percepções são momentos de reflexão da minha prática e de fatos pessoais também. No ano de 2017 quando iniciei os diários eles não apresentavam uma frequência como apresento hoje eram sempre quando algum evento me marcava ou quando algo foi tão importante que precisava ser analisado por mim. No meio de 2017 até final do ano de 2018 os diários passaram a ser duas vezes na semana normalmente na quarta e sexta-feira. Antes eu escrevia em cadernos hoje em dia escrevo em cadernetas e a cada novo trabalho uso uma caderneta nova. Os diários já possuem 90 páginas cada um. E escrevo neles fatos que acontecem, reflexões, pensamentos e alguns relatos da minha vida o particular o que tem ajudado a encontrar minha identidade dentro e fora da sala de aula.

7.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

7.3.1 CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Por ser uma escrita da minha própria história, os diários foram anotações pessoais no período que atuei como professora na rede pública de ensino pelo período de dois anos: o 2017 e 2018. Desta forma, assim que iniciei a vida docente de fato, cada ano que trabalho com uma turma nova ou com uma escola nova início um diário, busco com eles anotar os relatos do dia a dia para melhor me organizar, esses relatos aconteciam ou no dia com algo que me chamasse atenção ou no fim da semana como por exemplo na sexta-feira, saber lidar com as tensões e oferecer um trabalho de qualidade sempre foi uma prioridade como profissional.

Quando entrei na sala de aula, percebi que era muitas as diversidades e as demandas, quando mais rápido me organizar e aprender como funcionava a escola mais rápido eu iria tendo algumas respostas sobre o trabalho que eu iria exercendo, não sabendo de onde partir, comecei a coletar dados que julgava ser importante e anotar esses dados no diário, tudo isso empiricamente, pois eu não tinha a pretensão desses dados virarem uma pesquisa, os diários nasceram da minha necessidade de saber lidar com inúmeras situações da sala de aula e saber tratar essas situações da melhor forma. Escrevo diários já alguns anos na busca de me compreender e me firmar como pessoa nesse mundo além de me ajudar a enxergar como realmente sou e como posso me ajudar através desses relatos.

Já trabalho com a educação ou projetos ligados a educação a cerca de oito anos, em projetos tanto na faculdade quanto fora dela, com reforço e em curso oferecidos a comunidade e entre outros.

Como uma pesquisa autobiográfica, essa pesquisa é uma fala de mim, pra mim mesma, em que vou relatar pequenos e grades acontecimentos podendo ser aberta que envolve outros assuntos como por exemplo a minha vida pessoal ou fechados por envolver só assuntos do cotidiano da vida como professora.

Foram escolhidos 10 recortes dos meus diários durante esses dois anos, esses momentos foram escolhidos por serem considerados momentos charneiras, por serem divisores de água na minha vida ou que me tocou profundamente. Para Josso (1988) nesses momentos charneiras:

“O sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas. Surgem-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo próprio ou o que de si mesmo para se adaptar à mudança, evitá-la ou repetir-se na mudança” (JOSSO, 1988, p. 44).

Foi diante desses momentos que refletir o meu trabalho como professora, que surgiram muitas inquietações e foram momentos de descobertas pessoais, que me descobrir como ser professora e busquei minha própria identidade. E esses momentos serão analisados em forma de autorreflexão.

7. 3.2 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise de dados foi feita uma tentativa de autorreflexão. A autorreflexão vem da busca de refletir. Refletir é pensar, repensar, construir e reconstruir para uma possível mudança. A autorreflexão pós-ação ou reflexão de análise é importante para o processo de ensino, ou seja, “tudo se decide no processo de reflexão que leva ao docente, consciência da sua ação” (NÓVOA, 1992a, p.16).

A prática reflexiva segundo Dewey (1933) abrange um estado de dúvida, hesitação, perplexidade e procura de soluções alternativas. Ou seja, a reflexão consiste no desenvolvimento de competências que permite conhecer, analisar, questionar e avaliar a práticas docente no processo de formação. Essa estratégia proporciona a tomada de consciência de si, dando oportunidade de reflexão para as mudanças de pensar e de si pensar como professora.

Não são apenas fatos contados são memórias cheias de significados que usei como objeto para uma reflexão de mim na busca de compreender minha própria história

e minha prática docente. Esses recortes associados as narrativas foram colocadas em três planos caracterizados por Josso (2007). O Primeiro plano se refere no processo de formação do sujeito; O segundo plano, o processo de conhecimento e como ele é construindo ao longo das minhas experiências; e por último o terceiro plano é o conhecimento do sujeito em relação suas competências de aprendiz.

Por fim fazer análise temática dialógica das autorreflexões que levava ao mapa de significações e deles vão surgir significado ao que foi proposto nas reflexões de maneira clara e objetiva.

Neste contexto, o objetivo dessa análise de dados é da significação aos fragmentos encontrados nos diários e uma proposta viável ao professor de ciências. Para não somente me compreender, mas compreender também minhas escolhas, a análise se ocorreu em quatro momentos:

1) Foram feitos recortes dos diários, esses recortes são meus momentos charneiras, foi feito uma descrição da situação vivenciada e a autorreflexão.

2) Posteriormente a autorreflexão ligada esses momentos com a minha trajetória de vida e a tomada de decisão em cada caso.

3) Por último a reflexão dessa ação, suas consequências e uma proposta de perspectiva de atitude mais coerente e desejada para o professor no Ensino de Ciências.

4) Fazer análise temática dialógica das reflexões feita das autorreflexões.

8. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse capítulo iremos apresentar os resultados encontrados a partir da análise criada. Essa análise possibilitou encontramos nos diários dois eixos: EIXO1- Autorreflexão, nessa seção irei apresentar o que foi encontrado em cada recorte e que cada um deles trouxe de importante para a atividade docente ou para a mudança dela. No EIXO 2-Reflexões sobre as reflexões, nessa seção será apresentado um mapa de significações feito a partir do aprofundamento das reflexões da seção anterior. Foi feito a análise temática dialógica que resultou no mapa de significações que será explicado com base nos resultados obtidos após a reflexão e o que cada uma das palavras nesse mapa significou sobre essas reflexões que foram feitas dos diários, no intuito de compreender o que mudou a partir das situações, das mudanças que ocorreu e posteriormente refletir sobre reflexões depois das mudanças.

8.1 EIXO1-Autorreflexão

Cada recorte é um fragmento de um momento vivenciado, esses momentos são a preservação da minha memória que trago descobertas e reflexões do meu dia a dia, para dá significação a cada recorde eles foram renomeados com título de acordo com o conteúdo que possui dentro do fragmento. São eles:

Título 1: **Meu querido diário ...uma parte de mim.** Esse recorte foi uma das primeiras escritas do meu diário no intuito de colocar todas as informações necessárias da turma, minha perspectiva e sentimentos.

Título 2: **Um encontro inesperado: unidas somos mais fortes.** Não poderia deixar de colocar em um dos recortes essa colega de trabalho tão querida, que me ajudou e me ensinou tanto, essa troca foi muito importante e valorosa na minha formação.

Título3: **Entre ânimo e preocupação: um ambiente de descobertas.** Como professora de Ciências que sou esse é um recorte inteiramente voltado para alfabetização científica, experimentação e um ambiente de descobertas, muito feliz em realizar esses primeiros passos na escola com esse projeto tão valoroso e preocupante ao mesmo tempo por querer sair tudo dentro do esperado.

Título 4: **Uma triste realidade: a hora do lanche.** Esse recorte é uma prova viva de que ser professora vai além de ensinar conteúdos, são doses constante de solidariedade, de compaixão e se colocar no lugar do outro, são questões que jamais achei que pudesse estar na rotina de uma escolar e ser tão importante para a vida dos alunos como o lanche.

Título 5: **Um dia difícil: opiniões diferentes.** O dia a dia dos professores nem sempre são flores, e sim tem dias que tudo dá errado, com a aula, com o planejamento com os pais, principalmente quando os pais não estão de acordo com o nosso modo de trabalhar.

Título 6: **Uma profecia e seus consequências.** Esse recorte fala sobre as condições de trabalho que o professor vive e que acaba afetando sua saúde e consequentemente ocorre mudanças na sua prática docente.

Título 7: **Enquanto o tempo passa: lutando para se manter bem e feliz na docência.** É um recorte sincero acerca do tempo e da desmotivação que pode vir a surgir aos anos na docência e uma tentativa de manter-se sempre motivada.

Título 8: **Empurrões e xingamentos: a primeira briga.** Esse relata a primeira briga dentro da minha sala de aula e minha surpresa ao perceber que os alunos estavam brigando e posteriormente o meu despreparo mesmo sabendo da técnica, isso

mostra que temos que ter uma responsabilização das nossas reações dentro da sala de aula.

Título 9: **Antes daquele olhar...** Esse sem dúvidas é um dos recordes mais impactantes, importantes e mais difícil para mim como professora. E ele me toca ainda hoje. Porque antes daquele olhar eu me julgava ser uma boa professora, esforçada e de erros toleráveis, mais aquele olhar mudou tudo.

Título 10: **A essência da expectativa: uma fala de mim para mim.** Esse último recorte é uma conclusão do trabalho que venho realizando como professora de Ciência ao final do ano letivo de 2018, esse recorte é um encerramento dos meus pensamentos, da minha melhora, da busca em me compreender e o que ainda busco melhora como profissional, mas como ser humana que sou também.

1. Meu querido diário ... uma parte de mim.

“São cinco turmas de sétimo ano, as turmas A e B possuem 28 alunos cada, eu perguntei o porquê eles me disseram que é por causa da estratégia de matrícula, mais as demais possuem cerca de 32 á 34 alunos em média. São turmas muito cheias. Todas as turmas possuem alunos com necessidades especiais, ainda não consegui identificar todos, mas sei que são totalmente diferentes mesmo tendo o mesmo transtorno. Por exemplo, numa turma tenho dois (TEA) Transtorno do Espectro do Autismo, um a mãe coloca muitas atividades extraclasse e o menino é muito desenvolvido, porém quando fica nervoso ficava agitado a e outra aluna não responde nem o presente da chamada. No mínimo vai ser desafiador essa minha jornada ou vai da tudo errado. Kkkk. Deus me ajude” (17/03/2017).

Autorreflexão

Quando eu era criança eu anotava tudo, porque eu vivia no meio de adultos que não sabia me ensinar, eu esquecia muito rápido das coisas e falas, então escrever era como me fazer lembrar. Na época de adolescência eu escrevia sobre os meus sentimentos, a rotina na escola, as pessoas que eu poderia contar, escrevia sobre minhas melhores amigas e hoje eu escrevo primeiro por esse hábito de escrever ser prazeroso, mas também escrevo para me organizar, para tirar de cada trabalho novo o máximo de experiências e proveito que eu puder.

Quando entrei na sala de aula, percebi que era muitas as diversidades e as demandas e o meu despreparo sobre elas eram enormes, fora o fato de as salas de aula serem superlotadas, essa realidade “desvaloriza o docente” (LIMA; VASCONCELOS, 2006, p.399) no sentido que esse professor não consegue acompanhar todos os alunos com a mesma qualidade e com a mesma intensidade. O que acaba afetando na sua prática, pois esse professor precisa de tempo para refletir sobre seus alunos e estratégias para que todos aprendam.

Então quanto mais rápido me organizar e aprender como funcionava a logística da escola mais rápido eu iria tendo algumas respostas, não sabendo de onde partir, comecei a coletar dados que julgava ser importante e anotar esses dados no diário, o que foi anotado foi por exemplo: quantas turmas eu iria trabalhar, qual o público, quais alunos me chamava mais atenção, quais os alunos com alguma necessidade especial, quais os mais “bagunceiros”, os mais calados. Com o passar do tempo esses dados foram ficando cada vez menos técnicos e mais personalizados no sentido de que para cada turma hoje eu trabalho com uma forma diferente e muito particular e as anotações ficaram cada vez mais o que eu sentia com as emoções que surgiram, por exemplo tem turmas que se adequava muito com o planejamento do dia hora dava certas atividades individuais outras em grupo. Outras davam certo trabalharem em grupo para resolverem desafios. Hoje busca atividades além do planejamento saber o que esses alunos acham das atividades e o que eu posso fazer melhor. Futuramente seria interessante desenvolver um planejamento inteiramente dos alunos.

Estudando as turmas fui percebendo suas particularidades esse é um momento que demora meses e esses momentos são oportunidades de estabelecer relação de confiança e companheirismo e apresentar aos poucos meu estilo com a turma e a turma comigo. Uma outra questão muito importante foi a minha relação com os pais era uma relação distante e fria, isso se devia pelo fato que no começo, por apresentar um aspecto jovem muitos pais questionavam meu trabalho, principalmente aqueles que eu notava alguma dificuldade e alunos com alguma necessidade, hoje o que mudou foi que eu invisto muito na relação com os pais, porque ao longo do tempo percebi que esse investimento é muito promissor no desenvolvimento de todos os alunos e um bom relacionamento com os pais é um bom relacionamento com os filhos.

Um dos objetivos do Ensino de Ciências é estimular uma percepção dos fenômenos “assim todos os estudantes, inclusive aqueles com TEA devem ter acesso aos saberes científicos a fim de tornar suas aprendizagens contextualizadas e complexas”

(SOUSA, 2020, p.70), uma das maneiras de diminuir esse despreparo por parte dos professores é a formação inicial e continuada, por oportunizar momentos de reflexão. Quando o professor é reflexivo ele ganha competências (com por exemplo achar meios para todos os alunos aprenderem) desejáveis para um ensino que oportunize todos os alunos a ter acesso e condições de aprendizagem.

2. Um encontro adorável: unidas somos mais fortes.

“Passou-se um mês de trabalho, eu conheci a professora que estou substituindo, ela teve um problema nas cordas vocais, que eu também terei que tomar muito cuidado para não ter, pois trabalhar com alunos exige muito da nossa voz, ela trabalha na sala de recursos aqui da escola mesmo, eu a conheci, muita gente boa graças a Deus e ela me acolheu super bem” (14/04/2017).

Autorreflexão

Ser bem recepcionada e aprender com outros profissionais que estão disposto a ensinar é muito agradável e gratificante, é saber que não estamos sozinhos, mesmo seguindo nossa própria linha de trabalho. É um olhar mais empático para nossa profissão e nossa jornada, é si olhar e olhar o outro com cuidado, com carinho, com amor, com humanidade. Nada é mais difícil que precisarmos de ajuda o outro poder ajudar e não querer ajudar. Gostaria de ressaltar que fiquei muito feliz por ser recepcionada por uma professora. As mulheres que passaram na minha vida são mulheres fortes e empoderadas e que deixaram em mim suas marcas de o quanto ser mulher é importante e necessária nesse mundo. Sua participação na sociedade assim também como na “Ciência pode implicar em transformações sociais e econômicas com impacto favoráveis a sociedade, além de ser um recurso humano altamente qualificado, que podem contribuir com soluções criativas de problemas e de diferentes pontos de vista” (SOARES, 2001, p.283), no intuito da melhoria do mundo.

Se engana quem acredita que conseguiu vencer sozinho, todos esses anos trabalhando com a educação não tem um dia sequer que não precisei do outro para trilhar minha própria jornada, sentimentos como individualismo, competição, egoísmo são sentimentos que não combina com essa profissão, embora exista muito entre os profissionais da educação.

É preciso incentivar a troca de conhecimento de professores mais velhos com mais novos e vice-versa, afinal, temos sempre o que apreender e o que ensinar e essa troca é muito promissora visto que a experiência do mais velho e a ousadia dos mais novos são combinações muito favoráveis para ações em sala de aula.

Acredito sinceramente que o trabalho do professor precisa de rede de apoio que é caracterizado como o “conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo” (JULIANO; YUNES, 2014, p.136). Em outras palavras rede de apoio é estabelecer relações de afinidade e afetividade no intuito mútuo, para um bem maior que é a educação. Segundo Juliano e Yunes (2014) o “apoio social tem a ver com as relações que uma pessoa estabelece na vida e que podem influenciar de forma significativa a definição da sua personalidade e o desenvolvimento” (p.136). Essa prática iria ajudar não somente o Ensino de Ciências mais todas as licenciaturas.

Assim como a colaboração na nossa profissão é importante essa dimensão coletiva e o quanto essa interação melhora o desenvolvimento dos alunos, pois, temos sempre um professor que nos marcou ou como alunos ou como profissionais e lembramos deles por vários motivos, por serem educados, simpáticos, outros por serem cheirosos, uns por terem aulas incríveis outros nem tanto. Essa é uma interação que precisa do outro como profissionais. E precisamos ser amigos e construir coletivamente essas interações. O diálogo entre profissionais é fundamental para consolidar saberes que surge da prática profissional. Neste contexto, Nóvoa (2007) diz que "a criação de rede coletivas de trabalho constitui, também, um fato decisivo de socialização profissional de afirmação de valores próprios da docência" (p.14). No desenvolvimento de novos profissionais com novos valores e saberes.

A individualização dos professores, torna muito difíceis as atividades de parceria. Ao longo desses dois anos foram inúmeras as tentativas de trabalho em conjunto ou montar projetos com outros professores. Isso demonstra uma incoerência no nosso discurso como professores, queremos que os alunos vivam socialmente se ajudando, se apoiando, mas nós caímos no discurso de cada um por si e Deus por todos. Essa é uma visão que pode ser superada por dois alicerces a formação inicial na graduação e continuada com trabalhos em grupos, projetos coletivos e com pesquisas relacionadas a esse tema.

3. Entre ânimo e a preocupação: um ambiente de descobertas.

“Hoje vamos iniciar as aulas de PD (projeto didático), estou animada porque vai ser o primeiro contato dos alunos com experimentos científicos e iniciando a alfabetização científica deles, eu passei um mês elaborando essas aulas escolhendo esses experimentos relacionando aos conteúdos dados em sala de aula, eu quero preparar um ambiente de descobertas. Como toda escola eles não gostam de inovação, o que causa muita tensão pra mim um dia antes eu nem consigo dormir direito minha maior preocupação é integridade física dos alunos” (13/04/2017).

Autorreflexão

A alfabetização científica é uma responsabilidade de todos mesmo que empiricamente saber como acontecem os processos, ter uma leitura de mundo, pois o homem historicamente é curioso, porém ela é designada principalmente aos professores de Ciências, essa inserção sempre foi uma vontade minha, porém essa ideia me ocorreu meses depois que eu já havia começado a trabalhar. Para Lorenzetti (2000) a alfabetização científica é o processo pela qual a linguagem científica ganha significado fazendo com que o indivíduo amplie seu universo de conhecimento e com esse conhecimento esse indivíduo possa fazer mudanças necessárias a sociedade objetivando um mundo mais democrático, usando a tecnologia em prol de melhorar a vida das pessoas e fazendo desse mundo um lugar melhor.

Então quando resolvi fazer esse momento em sala de aula busquei aproximar o mundo científico do mundo que esses alunos conhecem. Para que esse aluno entenda que ele faz parte desse mundo e ele tem as ferramentas para mudá-lo.

Foi escolhido a experimentação para essas aulas de PD, pelo fato da experimentação desperta um forte interesse, ser de caráter motivador, lúdico e de essencialmente está vinculado aos sentidos. Mas mais que isso, é dá oportunidade a esse aluno da experimentação, “onde ele possa expressar e proporcionar seus próprios métodos de caráter investigativo, suas concepções e organização sobre determinado fenômeno” (PACHECO, 1997, p.01). É nessa perspectiva que entendemos melhor a experimentação como parte integrante do ensino-aprendizagem em Ciências.

Sempre tive bons professores de Ciências principalmente na minha quinta e sexta série do ensino fundamental, eram aulas muito desejadas a semana toda e eram aulas muito simples de quadro, livro, confesso que o que fazia diferença eram as professoras e o amor que elas sentiam pelas ciências.

E para isso busquei proporcionar um ambiente diferente dos dias convencionais, mesmo tendo só a sala de aula, eu a transformei em um minilaboratório colocando as carteiras em U, levando alguns poucos instrumentos que tenho como por exemplo: jaleco, lupa, telescópio e tendo um dia da Ciências, que é uma descoberta ou inovação científica que o aluno achou interessante. Essas aulas aconteciam sempre uma vez por semana nas aulas de PD (na época ofertada pelo professor de Ciências), são aulas que exigiu de mim muita criatividade e planejamento, por serem aulas muito interativas.

A escola é tradicional, então quando se ousa apresentar um projeto assim, ele tem que ser impecável, o que me gera muita ansiedade e tensão. Porque constantemente quando se é novo e é professor você será questionado, sobre seu trabalho, a eficácia dele, sobre o benefício da atividade tanto por parte da direção quanto dos demais professores.

Entendo que essa atividade é diferente, o que causou uma empolgação nos alunos, no começo foi importante estabelecer acordos de condutas que em geral existem nos laboratórios de Ciências. Esse foi um erro que cometi de não estabelecer esse acordo então no começo, então as aulas ficaram um pouco bagunçada o que gerou reclamação por parte da direção e de alguns professores.

Refletindo sobre essa prática, muito foi mudado desde o começo e está sendo estruturado, por ser um projeto muito promissor e que não quero desistir. Primeiro é por ser importante para esses alunos o contato com a Ciência e estabelecer essas normas de comportamento dentro do “nosso minilaboratório”, no primeiro dia de aula. Segunda observação é que não se pode refletir acerca do ensino de Ciências sem buscar um diálogo entre o saber científico do educando e o saber científico social. E quem estabelece essa relação é o professor de Ciências mais é também o conhecimento de mundo que esse aluno tem.

Quando você oportuniza seu aluno a experimentar o mundo (mesmo que no nosso minilaboratório), usando os métodos, testando as técnicas, você aproxima um mundo que antes ele não conhecia e que agora ele pode testar métodos e técnicas ainda inimagináveis, ele chega à conclusão de que ele pode fazer ciências e ele pode fazer muitas outras coisas inimagináveis nesse mundo.

4. Uma triste realidade: a hora do lanche

“É incrível que crianças ainda vão para escola para comer, eles não gostam quando o lanche é pipoca ou café com leite, eu nunca entendia, até que hoje eu perguntei, eles me responderam que antes que todas as aulas acabem, eles ficavam com muita fome novamente, eles só gostam mesmo quando é arroz com frango ou macarrão, eu já notei que todos comem o lanche. É uma comunidade carente isso é fato e existe um esforço para escola ajudar” (10/05/2017).

Autorreflexão

São muitas as questões que envolve a escola, não tão distante disso a Ciência também tem seu papel na sociedade. Pois “a Ciência acontece inseparavelmente dos processos sociais e político da produção-reprodução-apropriação das Ciências e da técnica, tanto nos processos gerais quanto o da nossa formação social” (ARROYO, 1988, p.03). Nos professores de Ciências temos a “responsabilidade que vai além de ensinar a própria Ciências vai de levar ao aluno a refletir sobre as diferentes virtudes da Ciência que ajuda esse aluno a construir sua compreensão de mundo e sociedade” (VALENTE, 2000, p.08).

Hoje entendo melhor quando as pessoas me diziam que a escola é uma representação micro da sociedade mais ampla e é por isso que alguns acontecimentos me assusta, não só como profissional que busca uma melhora na sala de aula, mas também como ser humano que deseja a mudança desses alunos para uma mudança na sociedade.

Quando eu nasci, foi uma época muito difíceis para meus pais, acho que foi uma época que eles mais passaram aperto, não chegamos a passar fome, mas também não tínhamos todas as refeições. Eu tenho uma relação com a comida de muito respeito e zero desperdício e por achar que é pecado jogar comida fora. Quando eu tinha quatro anos para cinco uma das minhas memórias é que fui levada para casa de uma tia e ao chegar no portão dela eu desfaleci de fome. Eu sei o que ir para escola para garantir uma alimentação e isso foi na década de 90.

É triste que em pleno século XXI crianças ainda vão para escola como garantia de alimentação. Sabemos que trabalhamos num cenário de desigualdade e desequilíbrio gera a pobreza, mais o que mais me assusta são criança que não tem o mínimo para viver, como exigir recursos, como fazer esse aluno pensar criticamente sobre as condições que eles vivem, como melhorar o ensino com o pouco, o que eu posso fazer em sala de aula,

são questionamentos que sempre passam pelos meus pensamentos e exige de mim criatividade, jogo de cintura e é claro conhecimento, buscar na literatura tem sido um trabalho diário não só para metodologias mais também com essas questões sociais.

Ao longo desse trabalho busquei refletir sobre minhas ações na sala de aula, assim também como no Ensino de Ciências e como professora de Ciências que sou. Uma das ações possível que irá ajudar a comunidade e está relacionada a Ciências será a implementação de uma horta. Além de ser integrante do currículo escolar, a horta poderá ser uma verdadeira sala de aula segundo Silva (2010) ou como um “laboratório vivo ajudando os alunos a promover a prática investigativa, além de ser um espaço propício para aprendizagem dos alunos articulado a várias áreas do conhecimento” (FILHO; SILVEIRA, 2016, p.03).

5. Um dia difícil: opiniões diferentes.

“Hoje foi uma merda, simplesmente um dia terrível e ainda por cima sinto um desgaste físico muito grande. Hoje por algum motivo o planejado não deu certo, os alunos não prestaram atenção e essa foi uma aula que planejei a dias, e uma mãe ainda veio reclamar comigo, filho dela tem transtorno, mas o aluno é perfeitamente apto a fazer todas as tarefas, eu percebi o que a mãe queria na verdade é que eu desse uma nota maior, mostrei pra ela minha planilha de atividade que mostrava algumas atividades que ele não tinha respondido e que todas as adequações foram feitas juntamente com o acompanhamento na sala de recurso, portanto conferi a nota e constatamos que a nota estava correta. Eu não tenho problemas em atender os pais, porém é inconveniente no horário das aulas, só que tem pai que não entende, pais com filhos especiais realmente precisam conhecerem seus direitos, mas achar que seus filhos merecem uma nota só por estar ali é incoerente, eu levo meu trabalho muito a sério, faço meus planejamentos dentro das normas e entendendo que esse aluno também tem o direito de ser acompanhado, visto e principalmente ele tem o direito de aprender nem que seja dentro das possibilidades dele” (25/05/2017).

Autorreflexão

Mesmo sendo nova na profissão docente eu me importo com todos os meus alunos, todos eles são igualmente essenciais e importante dentro desse conjunto escolar. E venho trabalhando duro na busca de apresentar aulas de qualidade e um aspecto que invisto tempo e dedicação são os planejamentos.

O planejamento escolar segundo Libânio é um processo de racionalização, organização e coordenação a ação docente, estruturado a atividade escolar e a dificuldades do contexto social, mas é também um momento de pesquisa e reflexão sobre a prática docente, ligados a todos os aspectos até mesmo a avaliação. A escola, os professores e alunos são integrantes do processo das relações sociais, tudo o que acontece no meio escolar está ligado direto ou indiretamente por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classe. Isso significa que os elementos do planejamento escolar – objetivos conteúdos-métodos – estão recheados de implicações sociais, têm um significado político. Por causa disso o planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações. Ao longo desses anos percebi que um bom planejamento melhora e sistematiza as ações em aula, assim como auxilia o desempenho do aluno traça objetivos e metas e ainda personaliza a identidade de cada turma.

A minha mãe era uma mulher muito além do seu tempo, porque mesmo ela sendo analfabeta ela gostaria que os filhos fossem para outros lugares, morassem com outros parentes e fizessem a escola ou tivesse oportunidades melhores especialmente as meninas, seu temperamento típico português era doce, mas brava, cuidava dava carinho com a mesma velocidade que era ríspida e energética.

É importante oferecer condições melhores aos filhos, contudo é importante deixar o aluno trilhar seu caminho, com justiça, com verdade independente de ter necessidades especiais ou não. A família e a escola são duas instituições fundamentais para desencadear os processos físicos, intelectual e social do indivíduo. Ambas têm diferentes responsabilidades embora trabalhe em complementação uma com a outra por exemplo: a escola constitui -se um contexto no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida) e aos espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, saída de campo, atividades de lazer) enquanto que a família um dos papéis principais designado a ela é a socialização da criança, “sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos

símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral e parte da formal, em colaboração com a escola” (POLONIA; DESSEN, 2005, p.304).

Uma das coisas que acho desrespeitoso é o assédio que alguns pais queiram interferir no meu trabalho como docente como por exemplo repreensão disciplinar, atividades, notas entre outras, esse é uma realidade que acontece constantemente na vida docente. Entendo perfeitamente que o sucesso da parceria pais-professores está interligado a diferentes questões que os envolva na ação educativa, “pais e professores devem têm uma relação de igualdade e impacto positivo nos alunos, portanto pais e professores devem ser honestos uns com os outros e adaptar em soluções, opções e condições de ajuda mútua” (POLONIA; DESSEN, 2005, p.309), pois ambos têm responsabilidade pelo desenvolvimento do aluno.

Principalmente porque a nota são esses conjuntos de ações que o aluno desenvolve, mesmos os alunos com necessidade devem apresentar uma produção, dentro das possibilidades dele é claro. Existe uma preocupação minha em estudar caso por caso, então o que se sabe é que ele pode desenvolver e é o que eu espero dele a nota é só um detalhe, porém nesse caso não cabe ao pai interferir no meu trabalho avaliativo, pois é ele é feito com planejamento, ética e responsabilidade.

6. Uma profecia e suas consequências: sempre motivar-se é preciso

“Eu sinto que meu corpo não acompanha a energia que eu tenho. E ando sentindo muitas dores de cabeça e no ombro, e isso está me matando. Perdi a voz essa semana tive que pegar um copinho para que cada vez que os alunos aumentassem o tom de voz deles, eu batesse, afinal são muitos alunos, senão não teria como ficar em sala. Funcionou? Parece que sim, mas realmente não é agradável, nem para eles nem para mim. Bom, minha ida ao meu médico revelou-me muitas coisas, primeiro eu tenho que cuidar da minha saúde física e mental também, já que os dois andam em conjunto, todas as vezes que o meu corpo não aguenta isso me sobrecarrega psicologicamente e sinto muita tensão e uma forma de aliviar essa tensão é chorando. Eu preciso cuidar de mim, ter uma autocuidado para estar bem, o médico me deu atestado de dois dias, e disse que minha voz vai volta em cinco dias, eu falei para ele que esta conta não está fechando né, mas ele riu e falou que era o tanto que podia dá. Tudo foi muito caro as consultas, os exames, e no final minha voz vai voltar com o tempo e bastante água,

*Taí. Uma coisa que professor poderia ter, plano de saúde”
(17/08/2018).*

Autorreflexão

Se tem um aspecto que eu preciso trabalhar urgente em mim é o autocuidado, que fui perdendo ao longo dos anos, acredito por ter uma família grande e sempre está preocupada com os outros e cuidando de tudo sozinha, acabei esquecendo da minha saúde e do meu bem-estar psicológico. Esse é um padrão que tenho notado em mim através dos diários, que quando fico exausta fisicamente também fico psicologicamente, o que ocasiona num prejuízo pedagógico, pois não apresento o mesmo vigor nas atividades docentes, tendo baixo rendimento, não apresento uma aula de qualidade, assim como o cansaço mental interfere no meu processo criativo de fazer as coisas, menos disposição, resolver questões que poderia tirar mais proveito e serem construtivas, acabo tendo que resolver rapidamente sem refletir na ação como esperado. Deste modo, Gasparini e Barreto e Assunção (2005) relatam que “na atualidade, o papel do professor extrapolou a mediação do processo de conhecimento para além da sala de aula afim de garantir a articulação entre a escola e a sociedade” (p.191), também as precárias condições de trabalho. Uma consequência disso é o desgaste dos professores em suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas. São sobre-esforços para atingir os objetivos da produção escolar.

O autocuidado “refere-se à habilidade que buscam um benefício próprio, ou seja, práticas no cuidado de si nas relações entre o indivíduo e o ambiente” (SILVA, 2019, p.19). Essas práticas são indispensáveis para a profissão docente. Pois são elas que ajudam na qualidade de vida dos professores assim como nas relações diminuindo o risco de conflito e tensões.

Eu preciso cuidar de mim, diminuir o ritmo, buscar ajuda profissional, fazer atividades para aliviar a mente como: atividade física, viajar para conhecer lugares, ter esse momento meu comigo mesma de fazer algo que eu goste, porém é tanta coisa para fazer, que não consigo.

Verdade seja dita, existe um desgaste muito grande em ser professora, isso não se aprende na faculdade ou em qualquer outro lugar, isso vem com o tempo, porque essa profissão exige de nós muito envolvimento, comprometimento, renúncia. Muitos estão preocupados com a escola, com os alunos, com os afazeres burocrático como notas e papeladas das secretarias e se acaba deixando em último lugar, isso aconteceu comigo

muitas vezes. Hoje eu noto que isso é extremamente perigoso, é importante desempenhar um bom trabalho, mas se não estamos felizes isso também reflete no nosso dia a dia, na profissão, na saúde, na vida pessoal. Neste caso Silva (2019) ressalta que “o trabalho garante um significado especial na nossa vida. Ele é parte da nossa identidade, pois ele nos completa enquanto seres humanos” (p.16).

Um fato que venho trabalhando em mim é o meu olhar para mim. Na busca de ser menos crítica comigo busco me olhar com mais carinho, com mais amor, com mais empatia. Entender que errar faz parte do processo e o erro faz com que exista o desejo de mudança para uma possível melhora. E que tudo bem as vezes dá tudo errado a vida é assim mesmo, nem sempre ganhamos e certamente tiramos alguma coisa de bom desses acontecimentos que, é o aprendizado.

7. Enquanto o tempo passa: lutando para se manter bem e feliz na profissão docente.

“A maioria já vai se aposentar e sempre fazem aquelas perguntas porque você quis ser professora, eu olho pra eles e me pergunto se um dia eu vou ser assim, porque é bem desmotivador isso” (16/03/2018).

Autorreflexão

Observando a escola de um modo geral percebo que estamos em um cenário de crise estabelecida, portando a educação também está. São crises de motivações, de identidade, de institucionalidade e é claro que isso vai afetar os profissionais da educação. Acredito que isso se deve pelo fato que o mundo mudou e a escola não acompanhou essas mudanças. Também pela desvalorização do professor, pela perda de prestígio, o desinteresse dos alunos, a falta de vínculo ou afinidade de alguns professores e pelas sobrecarregadas horas de trabalho extraclasse. O que noto desses professores é o excesso de atividade e de responsabilidade designada a nós. O problema que isso ao longo dos anos vai ocasionando a falta de motivação pelo trabalho e conseqüentemente afetará saúde dos professores.

Esses dois anos tenho notado um cansaço em mim, isso se deve as milhões de atividades que são designadas a nós como: preparar aulas, corrigir, avaliar trabalhos, provas, atividades, receber pais, participar de reuniões, ocupar-se de assuntos

administrativos da escola e as vezes não dá tempo de apreciar essa profissão, fora trabalhar com pessoas desmotivadoras nós desmotiva também. Entendo perfeitamente que a motivação não é uma característica que perpetue constantemente no ser humano, mesmo tendo a melhor profissão e o melhor cargo. Porém minha pretensão é viver bem sendo professora por muitos anos, acredito que esse processo é orgânico e natural, penso muito depois de alguns bons anos de carreira trabalhar com comunidades no interior de algum lugar deste país, fazendo realmente a diferença, porque o desgaste físico vem com o tempo é importante preparar a mente para esse momento, pensar em ações futuras como oportunizar mudança de escola, de equipe de trabalho, pensar em projetos profissionais, para me manter motivada. É importante você acreditar em coisas boas. O sucesso das mudanças da educação depende do trabalho em conjunto dos professores, pais e sociedade. Ser professor é mais do que ter salário justo, plano de carreira, ser reconhecido, ter condições favoráveis para o ensino, vai além dessa perspectiva é uma missão com o mundo, com o outro, com a vida, por isso é preciso amar o que faz, só gostar é insuficiente para tamanha jornada, porque racionalmente os benefícios diante do trabalho são bem menores.

A saída na minha visão é investir em projetos que relacione a satisfação pessoal e o profissional do professor e é claro sempre fazer investimento na formação nessa perspectiva do bem esta docente, fazer cursos de capacitação, investir no trabalho em conjunto com a sociedade ou em comunidades, manter redes de apoio e fornecer cursos ligado a essa área.

8. Empurrões e xingamentos: a primeira briga

“Hoje aconteceu a primeira briga na minha sala, foi na hora da entrada, já estávamos no quinto horário os alunos estavam entrando normalmente quando de repente um empurrou o outro aí vieram os xingamentos eu fui imediatamente para cima desses meninos, empurrei carteiras cadeiras deixei nervosismos toma conta, levei os dois para a direção. Eu poderia ter controlado mais as minhas emoções, mas na hora não consegui” (21/08/2018).

Autorreflexão

Quando se é de uma família de dez irmãos você adquire qualidade como coletividade, união, altruísmo, adaptação e claro instinto materno. Consequentemente a minha forma de resolver minhas questões mesmo em sala de aula ganha um pouco dessas características mesmo eu fazendo um esforço para mudá-las. Por entender que tenho responsabilização dos meus atos e ações em sala de aula. Por, mas essa tenha sido uma atitude que eu considero inadequada eu tenho a inquietação e o desejo que preciso estar preparada para essas situações adversas, o meu desejo não é que não tenha brigas, o meu desejo é que eu possa agir melhor com relação a essas brigas.

A construção de valores morais dos alunos não se dá apenas na família ou em espaços como escola, com os amigos, meios de comunicação, mais o conjunto delas contribui para esse processo, em tais interações os conflitos poderão surgir oportunizando um espaço de equilíbrio e autorregulação, se bem mediados.

Para VINHA (2003) os conflitos interpessoais são momentos privilegiados para desenvolvimento integral dos alunos, “porque geram possibilidade de intervenção de situações concretas vividas na sala de aula” (SILVA, 2016, p.03). Podendo trabalhar atitudes como solidariedade, justiça e respeito. Essas questões exigem do professor competência como a mediação dos conflitos, ajudar na verbalização desses alunos, compreender os sentimentos dos envolvidos, elevar o valor do acordo mútuo, ser direto e objetivo sem gritos, mediar a conscientização de seus atos e responsabilidade perante a situação de conflito e entre outras atitudes que poderão ser aprendidas nesse momento.

umas das atitudes diretas que pode ser tomadas na hora do conflito é 1) manter-se calmo e controlar as reações (principalmente os nervosismos); 2) reconhecer que o conflito pertence ao aluno (deixar o aluno assumir a responsabilidade do conflito, como por exemplo o que aconteceu com vocês); 3) acreditar na capacidade de resolução do aluno (incentivando a fala e pensamento argumentativo desses alunos na hora do conflito porque vocês estão tendo essa atitude, o que aconteceu). Sabendo que o professor deverá utilizar também de estratégia indiretas para a prevenção do conflito como promover ter um tempo reservado ao desenvolvimento moral do aluno, oferecer oportunidade para um trabalho afetivo em função da reciprocidade, jogos que ajudem o reconhecimento de sentimentos.

Eu já notei que é inevitável não levar os alunos para a direção, mas que antes de levar é importante ter uma conversa com os envolvidos com a turma e sim também os

responsabiliza pela sua parcela de culpa. Na época gastei muito tempo com os alunos na direção o que sobrou pouco tempo para falar com a turma, hoje sinto que essa conversa é necessária antes, durante e depois da briga. Hoje eu vejo que se essa situação acontecer novamente eu acredito que eu vou ter uma outra tomada de decisão.

9. Depois daquele olhar ...

“Logo percebi que ele era diferente, tímido, olhos caídos, doce, o sorriso era de criança, pequeno tão pequeno que o uniforme nadava e que certamente foi de outro aluno, o tênis parecia maior que o seu pé, suas respostas eram de uma sensatez muito incomum pra a idade. Sem dúvidas ele era uma criança humilde, seu caderno era de muitas matérias e ele usava a margem até em cima e até depois do rodapé. Ele sempre comia o lanche, nunca o vi recusa e sempre levava o que restava para casa. Sua nota, era sempre a maior da turma. Ao fim do último horário de todas as aulas ele ficava olhando pro chão de todas as salas, depois do horário eu comecei a observá-lo. Por um acaso passando para ir para a sala dos professores eu o avistei e muito séria, um tanto grossa e ríspida perguntei o que ele estava fazendo, porém ele não me respondeu, vi que ele procurava algo no chão, eu insistir e com os olhos marejados me respondeu que procurava lápis e borracha que os outros alunos perderam. Eu fui com uma agressividade desproporcional para a situação e o que é pior, vi naqueles olhos constrangimento em que uma vez prometi que não iria submeter qualquer aluno meu, eu sei como é esse sentimento, cheguei em casa muito triste e decepcionada comigo essa história ficava passando na minha cabeça, o que mais doía era aquele olhar de constrangimento. Chorei, me lamentei. Eu decidi comprar lápis e borracha para todos os alunos da turma isso não apaga o que eu fiz, mas eu desejo do fundo do meu coração melhorar para que não se repita nunca mais” (12/10/2018).

Autorreflexão

Essa situação foi uma situação que não ocorreu em sala de aula, foi um acontecimento que ocorreu logo a pós o final de todos os horários do turno da manhã, ao final do turno o aluno procura lápis e borracha antes do pessoal da limpeza entram para limpar. Quando eu o avistei sozinho em um dos corredores da escola, essa foi uma atitude que achei suspeita, achei que ele estava fazendo algo errado já que todos os alunos já tinham ido embora, pois todos os alunos têm muita ansiedade para ir para casa. Essa é uma atitude que temos que ter cuidado como professores de temos preconceitos e sermos

preconceituosos diante de alguma das situações. Por isso é valoroso refletir na ação, para favorecer o diálogo, pois uma educação consciente e libertadora ela só traz coisas boas a sociedade.

Sem dúvidas esse momento foi o mais difícil para mim como profissional. Eu lembro na minha quinta série quando um professor de matemática me chamou de burra na frente da classe por não saber realizar a conta, sei exatamente como é esse sentimento de constrangimento que passei. Por isso abomino essa prática e essa palavra. Acredito que as coisas difíceis que passamos ao longo da vida nos deixa sequelas que precisamos trabalhar, porque senão elas viram marcas presentes na nossa trajetória. Todos os dias venho trabalhando nessa energia exagerada que tenho com relação as minhas tomadas de decisões, buscando o equilíbrio de ser firme, porém delicada, chama a atenção e ao mesmo tempo não ser grossa com os alunos esse é um cuidado que eu quero ter. Constantemente me polio com as palavras porque noto que sou muito energética com os alunos o que eles confundem como sendo grossa, as minhas atitudes estou procurando leva as situações com mais leveza, procuro tratar os alunos, pais e a todos com educação nem sempre foi assim, mas eu noto que isso melhora a interação professor –aluno – família.

Nós professores temos um poder muito grande na vida dos alunos, podemos ser um exemplo positivo ou negativo independente de ser nossa intenção ou não. Assim como os alunos nos fazem refletir no que estamos fazendo. É importante reconhecer que está errado, foi o que eu fiz com esse aluno reconheci e pedi desculpas busquei proporcionar aqueles alunos os lápis e canetas para melhorar estabelecer nossa confiança. Desde então venho buscando uma relação de horizontalidade defendida por Paulo Freire, ou como Kein (2012) diz “diferente do que ocorre na educação bancária, na horizontalidade na medida em que as relações são de parceria e de colaboração e reciprocidade” (p.11) ela promove consciência na busca de superação de obstáculos além de ser emancipatória e libertária.

A horizontalização é transformadora no sentido que proporciona a mudança da consciência ingênua em uma que luta pela emancipação e superação do que gera a marginalização e a miséria (KEIM, 2012, p.11), isso dentro da perspectiva do diálogo contínuo sobre a ação da visão de mundo e do indivíduo na sociedade.

10. A essência da expectativa...uma fala de mim para mim.

“Acho que quando nos tornamos professores ganhamos um sexto sentido, a sala de aula é muito mais que conteúdo é uma percepção é quase que uma comunicação oculta, dos alunos com a gente, todas as vezes que eu desconfiei que tinha algo errado de fato tinha algo errado. Aqui tem realidades muito difíceis para uma criança e até mesmo para qualquer ser humano. Esse ano eu aprendi muito, entendi muito do que os livros nós falamos, quando eles falam de empatia, de ensinar humanamente, de ter amor. Sabe eu nunca romantizei a educação, eu entendo perfeitamente que teremos dias bons e ruins assim como qualquer outra profissão. Mas eu posso escolher se importar ou deixar pra lá, mas como professora eu acho que se importar sempre vai ser o correto a se fazer. Eu termino esse trabalho muito grata, auto conhecedora de mim, muito esperança, muito feliz, mesmo com os erros” (14/12/2018).

Autorreflexão

Acredito que acima de tudo antes de querer ser um bom profissional é importante querer ser um bom ser humano. Ter paixão pelo que faz e compaixão pelas pessoas.

Esses dois anos foram de muito aprendizado, mais também de muita procura, procura de mim, dos meus anseios, dos meus erros, das minhas perspectivas. Da voz a minha própria voz é libertador e escrever me torna uma pouco “mais dona de mim e das situações”, porque nem sempre eu quero mostrar para alguém meus sentimentos, eu os escrevo, guardo comigo e escolho mostrar ou não.

Minha história tem dois momentos bem cruciais, um de zero a quatro anos, momento esse que eu morava com meus pais biológicos, que confesso não lembro muito, só o fato que foi uma época muito difícil financeiramente o que obrigou minha mãe a me mandar para meus parentes e outro de quatro anos em diante que eu vim morar com meus parentes. No começo a ideia era morar na casa de uma tia, que não deu certo, pois ela já tinha três filhos e o marido não queria mais uma responsabilidade, fui para casa de outra tia que também não deu certo, por ser muito jovem e ela queria construir sua própria família, então com seis anos, minha tia, irmã dessas outras tias, resolveu cuidar de mim ela não tinha filhos e tempos depois ela também pegou minha irmã para cuidar. Por morar nas casas sempre achei que não deveria dar trabalho, desde muito nova tive a responsabilidade pelos meus atos, então sempre fui preocupada em não me meter em

confusão, principalmente porque sabia que qualquer erro me custaria voltar e voltar significaria decepcionar meus pais, nem ser chamada atenção principalmente na escola.

A escola é um local que eu considerava sagrado e até hoje ela tem um canto especial em meu coração, pois me proporcionou mudanças na minha vida e tudo começou lá, querer ser professora, depois querer ser professora de Ciências e agora eu tenho a oportunidade de mudar a vida de outras pessoas e com elas quem sabe essa é a minha contribuição para um mundo melhor.

Toda minha história vem me resignificado e tendo sentido agora, portanto noto alguns desses significados na minha prática docente o imediatismo nas respostas, querer achar soluções, não ficar mimando os alunos, a vida é difícil mesmo e quanto mais cedo se adapta a ela, melhor.

Escrever tem sido para mim uma busca pessoal constante, da minha identidade como pessoa e como professora, e a interpretar essas emoções que durante muito tempo silencieei, acatei, entendi, servi, eu abri mão. Hoje são sentimentos que eu entendo melhor. Hoje eu tenho o direito da escolha e eu esperei esse momento a minha vida inteira. Eu vim de uma família humilde, muitos irmãos e sempre morei com os meus parentes, isso te obriga a esperar sua vez e de vez em quando a renunciar suas escolhas. Foi me dado pouco tempo para errar na vida, por isso errar tem sido doloroso e árduo é um sentimento de frustração e também de ansiedade para querer acertar. Essas emoções não escolhemos viver, elas passam na nossa vida nos atravessa, deixam marcas de quem somos nesse mundo assim como a nossa trajetória, toda emoção é um convite a ação ou renuncia a ela. Já o sentimento são interpretações que fazemos dessas emoções, portanto podemos ter responsabilidades sobre eles.

Eu venho observado as minhas mudanças na minha prática e sim, eu fico orgulhosa da profissional que estou me tornando, de perceber coisas boas na escola, de ser positiva em momentos difíceis, de ter esperança nos alunos, de ter fé, que um dia vou encontrar esses alunos sendo donos das suas histórias. Tenho consciência que quando estou em sala de aula eu sou um exemplo para esses alunos, então oferecer meu melhor trabalho é uma missão que carrego para minha vida e não é difícil nem árduo é gratificante e prazeroso.

Diante dos resultados e discussões podemos refletir sobre cada recorte de uma maneira clara e objetivado se analisarmos os pontos importantes:

Título 1: Meu querido diário ...uma parte de mim. Esse recorte falado planejamento do trabalho do professor é formidável para sua prática docente. Outro ponto

importante é o investimento nas relações escola e família por ser agente potencializador de melhor do aluno independente das dificuldades. Pôr a formação de professores que oportuniza direcionamento para as mudanças e estratégias de ação dentro da sala de aula.

Título 2: Um encontro inesperado: unidas somos mais fortes. Esse recorte é um enaltecimento do trabalho da mulher na sociedade, nas relações e na Ciências. E o trabalho em conjunto que o professor poderá exercer e como essa atitude pode ser vantajosa para educação. Um ponto de vista é que a individualização e isolamento do trabalho do professor podem ser superados na formação de professores.

Título3: Entre ânimo e preocupação: um ambiente de descobertas. Esse recorte é importante para os professores de Ciências, pois faz com que o professor dê oportunidade de o aluno vivenciar o mundo mesmo usando a sala de aula como “mini laboratório”. E o quanto é importante oferecer uma aula diferente mesmo dentro das nossas possibilidades como professores professoras de Ciências.

Título 4: Uma triste realidade: a hora do lanche. O que fica evidente nesse recorte que mesmo com pouco podemos ter soluções criativas como a horta para melhorar avidas dos alunos. E que são muitas as questões sociais em que a escola tem que oferecer seu olhar, assim como o professor.

Título 5: Um dia difícil: opiniões diferentes. Planejamento escolar como potencializador do trabalho como professora o quanto ele é promissor. Outra questão importante é a relação com os mais pode ser respeitosa quando ambas as partes resolvem trabalhar em parcerias principalmente a dos alunos com necessidades especiais.

Título 6: Uma profecia e seus consequências. Esse recorte é um olhar para si como pessoal e como profissional é importante o profissional investir no seu autocuidado pois ele é necessário para uma vida longa como professora. E quanto aos erros é importante sempre buscar a melhora e não ficar se autocriticando tanto.

Título 7: Enquanto o tempo passa: lutando para se manter bem e feliz na docência. Esse recorte reflete sobre o desgaste físico que o professor vai sofrendo ao longo dos anos e aponta algumas estratégias para sempre motivado com o seu trabalho.

Título 8: Empurrões e xingamentos: a primeira briga. Nesse recorte notamos a importância de trabalhar questões como o conflito, desenvolvimento moral. Também a importância de saber controlar as emoções e ser responsáveis por elas em momentos de conflitos em sala de aula.

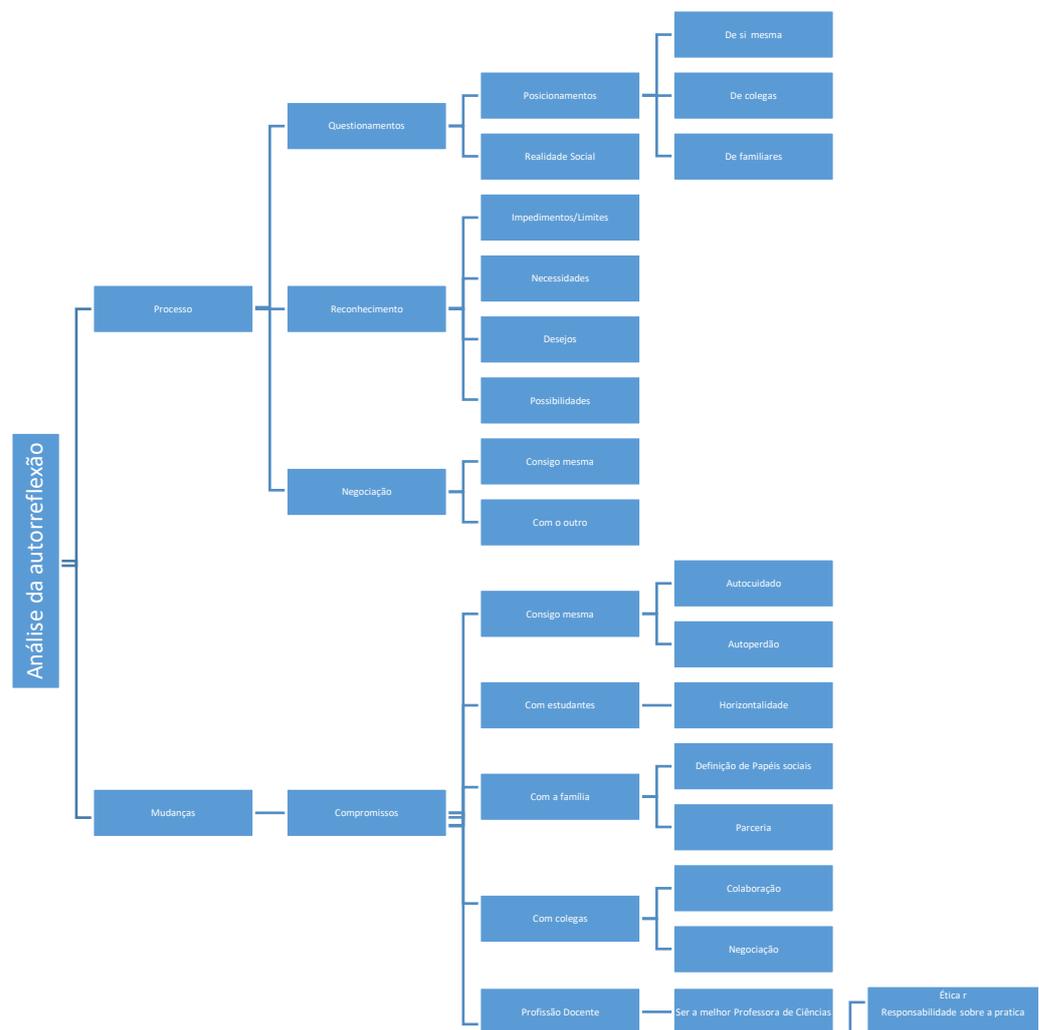
Título 9: Antes daquele olhar.... Esse recorte é um dos momentos mais difíceis e especiais que me passou na minha vida como professora. Um dos pontos importantes é a

busca da horizontalidade das relações professor-aluno. E a responsabilização dos sentimentos enquanto professora e como eles podem influenciar na vida do aluno.

Título10: A essência da expectativa: uma fala de mim para mim. Nesse último recorte é o reconhecimento de que as histórias de vida estão intimamente ligadas a prática docente e o quanto sua história é importante e necessária para se reconhecer e se reconhecer como profissional.

8.2 EIXO 2-Reflexões sobre as reflexões

Nesse eixo será apresentado o mapa de significações feito a partir da análise temática dialógica das reflexões dos dez recortes extraídos dos diários.



A análise das reflexões sistematizou no mapa de significações em dois acontecimentos, um os processos que cominaram em questionamentos, reconhecimento e negociação e outro as mudanças. Nos processos surgiram os questionamentos e questionar é fazer perguntas é se desequilibrar é se incomodar com a sua prática docente, característica essa apontada também nas teorias de Dewey (1953) e Schon (2000) que

descreve uma característica parecida com a citada como por exemplo a incerteza e a instabilidade, confirmado que um professor reflexivo é aquele que faz reflexões que levam a ações sobre sua prática, o que nesse caso foi os processos que caracterizou posteriormente nas mudanças.

Os processos

Muitos foram os questionamentos ao qual se destacaram, os posicionamentos e a realidade social ao qual eu trabalhava. Sobre os posicionamentos se destacou os de mim mesma, sobre meus colegas de profissão e dos familiares dos estudantes. Sobre mim mesma destacam as minhas atitudes perante os acontecimentos em sala, o que poderia ser feito com relação aproximar esses alunos a Ciências, como lidar com as demandas, além de sempre questionar minha prática em sala de aula. Podemos confirmada nesse trecho dos meus diários:

“vivemos de questionamentos é sempre uma dúvida, não tem uma receita pronta para nós tornamos professores. Esse é um exercício contínuo e diário de pensar, refletir e querer o melhor caminho para uma prática docente coerente para mim e para os alunos” (17-04-2017).

Outra característica do posicionamento encontrada, foi sobre os meus colegas de profissão, a dificuldade em dialogar e trabalhar coletivamente com outros professores, por vários fatores citados por eles, um a descredibilidade por ser uma jovem professora, outro por ser uma atividade que por ser diferenciada causaria bagunça e outra por possivelmente a atividade gerar um desconforto com a direção. Porém é essencial trabalhar em grupo, pensar coletivamente e encontrar caminhos de ações de modo a resolver e reconstruindo o papel no exercício profissional. Podemos confirmada nesse trecho dos meus diários.

“atividades novas, assustam professores antigos, me parece que ser competente na visão deles é fazer mais do mesmo. Isso me incomoda, a cada dia eu tenho que provar que sei o que estou fazendo e o quanto eu acredito no meu trabalho e o quanto poderíamos ganhar se trabalhássemos juntos. “(17-03-2018)

E por fim outro posicionamento surgido do questionamento, foi sobre os familiares dos alunos e o quanto essa relação precisa ser potencializada com aproximação e investimento, pois possibilita um aumento do rendimento do aluno, o interesse,

melhores resultados, redução da indisciplina e o bom convívio entre a escola, pais e os alunos. O professor é responsável por propiciar por permitir essa convivência entre a família e a escola para o desenvolvimento do aluno. Se importar com os alunos e seu bem-estar também faz diferença nas relações, pois estabelece uma relação de confiança.

“hoje recebi um bilhete muito fofo de uma mãe agradecendo por sempre lembrar de fazer a adaptação das atividades, das provas, para o filho. Fiquei muito feliz com essa confiança”. (28-05-2017)

Uma reflexão necessária que surgiu dos questionamentos foi a realidade social ao qual trabalhei, por entender que a escola e o professor exercem um papel social e por isso espera-se dessa instituição funções sociais. São realidades além de qualquer possibilidade que jamais imaginei trabalhar e como desenvolver reflexões críticas com os alunos e até minhas, sendo que esses alunos lidam com vários fatores que não favorecem a reflexão crítica do dia a dia deles e o que eu como professora devo possibilitar essa visão.

“os alunos não ter o básico isso me preocupa, como incentivar pensamento crítico em alunos que não tem o mínimo. Hoje entendo o quanto a realidade social afeta o ensino”. (10-05-2017)

Outro processo que surgiu foi o reconhecimento essa é uma competência que foi encontrada na análise das reflexões diferente das teorias de Dewey (1953) e Schon (2000). Reconhecimento essa é uma competência é examinar, avaliar isso é muito importante no desenvolvimento docente. Reconhecer minhas limitações e meus impedimentos foi de muita verdade com minha prática e com o trabalho que ando exercendo e com os meus sentimentos por entender que essa não é só uma busca profissional mais pessoal também defendida por Nóvoa (1992).

Nem sempre não saber todas as respostas é algo ruim, pois este sentimento que se tornou para mim um agente motivador sobre a minha prática na ansiedade de achar respostas e soluções. Está incomodada com meus erros, minhas limitações, incertezas, gerou em mim a necessidade de mudança. Essas mudanças só podem acontecer por reconhecer que tenho muitos desejos por entender que desejo é uma vontade um querer de melhoria e para isso teria que me mostrar claramente o meu trabalho e as várias

possibilidades algo possível para ser realizado dentro das minhas perspectivas. Podemos confirma isso nesse trecho:

“Eu sei que preciso mudar em muitos aspectos, vejo meu trabalho e noto claramente que sou um ser insaciável que busca que deseje mudanças e melhorias para mim e para o trabalho que venho realizando” (14-12-2018).

Outra competência encontrada nos diários sobre as reflexões que não aparece nas teorias de Dewery (1953) e Schon (2000) é a negociação, competência essa que considero importante para alcançar um entendimento destinada aos outros e comigo mesma. A negociação é um processo de estudo que exige aprendizado, adaptação e capacidade de influências sobre as partes, para chegar em um acordo, pois negociar é alcançar um entendimento. Quando eu penso nessa estratégia penso que a negociação deve ser flexível, pois quando se é professora temos que lidar com diferentes formas de solucionar as diversas situações em sala de aula e encontrar maneiras confortáveis de lidar tanto comigo quanto com os outros. Isso tem me ajudado a encontrar a melhor forma de trabalhar.

“Eu sai de uma postura de ferro e fogo para uma postura mais flexível e isso tem ajudado muito estabelecer acordos com os estudantes a escola e os familiares dos estudantes fico bem satisfeita como esses acordos estão melhorando as aulas de maneira confortável para ambas as partes”.(13-10-2018)

As mudanças

Depois de entender os processos das reflexões, chega o momento das mudanças que é transformação daquilo que não cabe mais, aquilo que de alguma maneira precisa ser diferente do que era antes. As mudanças que aconteceram vieram do compromisso que vejo como um comprometimento e essa é uma característica do professor reflexivo que busca a mudança com ações. Esse compromisso se em cinco modalidades primeiro comigo mesma, segunda com os estudantes, terceira com a família, quarto com os colegas e por último com a profissão.

Primeiro o compromisso comigo mesma surgiu o auto perdão e o autocuidado, era difícil errar como professora entender o erro para melhor foi algo muito difícil de reconhecer, no começo esse foi um dilema que precisei trabalhar em mim. De entender que nem sempre tomamos a decisão correta e é por isso que a reflexão é importante, pois ela dá espaço para as mudanças para reconhecer e não permanecer no erro. Outra mudança

muito perspicaz foi de querer buscar um autocuidado tanto fisicamente como mentalmente já que essa é uma profissão que demanda muito envolvimento o desgaste físico e mental. Em alguns trabalhos de Silva (2019) defendem esse investimento do autocuidado do professor e o quando isso pode ajudar a longo prazo na trajetória docente. Podemos observar nesse trecho:

“Essa é uma jornada que vai além de só errar e acertar é um processo de aceitação, de me perdoar pelas minhas falhas, pois o trabalho é intenso e exige muito de mim”. (15-02-2018)

Segundo compromisso encontrado foi com os estudantes, onde busquei propor a horizontalidade nas relações, pois são muito os benefícios dessa prática como por exemplo o aprendizado mútuo, a facilidade de comunicação possibilitando a troca e a substituição da hierarquia para uma educação solidaria favorecendo essa confiança do professor com aluno. Estabelecer uma boa relação com os alunos é algo que vale muito apena, pois os alunos conseguem entender essa confiança que é depositada em ambas as partes e o quanto isso pode mudar a perspectiva de ambos. Percebemos isso nesse trecho:

“Não fazer distinção de aluno é uma coisa nova para eles notei que eles levaram um susto quando chamei atenção do melhor aluno da sala. Uns acharam justo outros absurdo”. (22-08-2018)

A família é o terceiro compromisso, porque assim como a escola essa instituição é fundamental para que esse aluno se desenvolva, para sua formação, tanto cidadã quanto pessoal e ambas são responsáveis pela formação cognitiva, afetiva e social dos alunos por isso essa relação deve ser uma relação de parceria de troca e muito comprometimento. Essa relação que no começo preferia me ausentar para não me envolver na vida dos alunos, porém ser professora é uma busca para a melhora de todas as partes então se havia um esforço por partes dos pais, meu compromisso como professora era também me esforçar para essa relação ser de parceria e companheirismo. Percebemos isso nesse trecho:

“Hoje fui elogiada por uma mãe essa foi o meu primeiro elogio como professora e sinto que essa relação professora família é muito gratificante e necessário para o trabalho que exerço”.(23-04-2018)

O quarto compromisso é com meus colegas de profissão, por acreditar muito que o trabalho coletivo proporciona rede de apoios formidáveis para a vida docente, pois são muito os benefícios além de ajudar a achar soluções de problemas corriqueiros do dia a dia escolar, achar pontos de entendimento também forma profissionais colaborativos proporciona a compreensão e construção coletiva. Percebemos isso nesse trecho:

“Hoje eu e Clara (nome fictício) finalmente realizamos uma atividade em conjunto um game com torta na cara tudo autorizado pelos pais e foi bacana demais os alunos adoraram espero que essa tenha sido o começo de muitas atividades em conjunto”.(24-09-2018)

O quinto e último compromisso é com minha profissão docente por ter muito respeito e amor pelo que eu faço e busco. Todo esse comprometimento tem a finalidade de ser a melhor professora de Ciências. Isso é uma ambição que levo muita a sério e trabalho muito para realizá-la da melhor maneira, com ética com discernimento e responsabilização, justiça e muito amor sobre a minha prática docente. Percebemos isso nesse trecho:

“Todos os dias eu me apaixono pelo meus alunos, pelo o que eu faço, eu acordo todos os dias e tenho a missão de acreditar nos meus alunos, acreditar no comprometimento deles, na verdade do meu trabalho e tenho responsabilidade comprometimento com que eu faço”.(14-12-2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar o processo reflexivo de uma professora-pesquisadora, a partir de narrativas nos seus diários. A construção de dados surgiu do fragmento de dez recortes dos diários e esses momentos foram escolhido por serem momentos charneiras assim se deu a construção de dados.1) Foram feitos recortes dos diários, esses recortes são meus momentos charneiras, foi feito uma descrição da situação vivenciada e a autorreflexão.2) Posteriormente a autorreflexão ligada esses momentos com a minha trajetória de vida e a tomada de decisão em cada caso.3) Por último a reflexão dessa ação, suas consequências e uma proposta de perspectiva de atitude mais coerente e desejada para o professor no Ensino de Ciências.4) Foi feita a análise temática dialógica das autorreflexões e delas concluímos com o mapa de significações. Que cominou em dois eixos.1-EIXO Autorreflexão: Cada recorte é um fragmento de um

momento vivenciado, esses momentos são a preservação da minha memória que trago descobertas e reflexões do meu dia a dia, para dá significação a cada recorde eles foram renomeados com título de acordo com o conteúdo que possui dentro do fragmento. 2-EIXO Reflexões sobre as reflexões: Nesse eixo será apresentado o mapa de significações feito a partir da análise temática dialógica das reflexões dos dez recortes extraídos dos diários.

A análise das reflexões sistematizou no mapa de significações em dois acontecimentos, um os processos que cominaram em questionamentos, reconhecimento e negociação e outro as mudanças apontadas também nas teorias de Dewey (1953) e Schon (2000). Depois de entender os processos das reflexões, chega o momento das mudanças que aconteceram vieram do compromisso que vejo como um comprometimento e essa é uma característica do professor reflexivo que busca a mudança com ações. Esse compromisso se deu em cinco modalidades: primeiro comigo mesma, segunda com os estudantes, terceira com a família, quarto com os colegas e por último com a profissão docente.

Diante do exposto surgiu duas características diferentes das teorias de Dewey (1953) e Schon (2000) que foram o reconhecimento e a negociação. Reconhecimento é examinar, avaliar isso é muito importante no desenvolvimento docente. A contribuição dessa competência é ser consciente do trabalho que está sendo exercido em sala, além de ser lúcido sobre as problematizações e sobre os erros possibilita a necessidade de mudança para melhorar a prática em sala de aula. A negociação é um processo de estudo que exige aprendizado, adaptação, capacidade de influências e flexibilidade para chegar em um acordo, pois negociar é alcançar um entendimento isso é muito importante na atividade docente pois possibilita mudanças entre as várias relações que são fundamentais na vida escolar do aluno a partir de uma prática reflexiva.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M.H. M. B. Memórias, narrativas, e pesquisa autobiográfica. Revista **História da Ciências**.v.7. n14, jul-dez 2003.
- ABRAHÃO. **Autorregulação da aprendizagem e narrativas autobiográficas**. Natal: EDUFRN: PortoAlegre: EDIPUCRS, 2012.p. 53-71

ABRAHÃO, M. H. M. B. **As narrativas de si ressignificando pelas narrativas emprego do método autobiográficos.**2006, Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador:EDINEB,2016.

ABRAHÃO, M. H. M. B; PASSEGGI. M. (Org.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica:** Tomo I. Natal:EDUFRN: Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador,EDUNEB, 2012. p. 71-93.

ALARCÃO, I. Extraído -Formação Reflexiva de professores de supervisão. Editora Porto. Porto. Portugal,1996.

ALVES. W. F. A formação de professores e as teorias do saber docente: contexto, dívidas e desafios. **Educação e Pesquisa**, Volume 33, n 2, p.263-280, maio/ago.2007

ARANHA, M. L. A. **História da educação e da pedagogia geral no Brasil.** 3. ed. rev. amp. São Paulo: Moderna, 2006.

ARROYO, M. G. Quem de-forma o profissional do ensino? **Revista de Educação AEC**, Brasília, 14(58): 16-21, outubro/dezembro, 1985.

ALVERILL, J. R. **A constructivist view of emoticons**,1980, (<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780125587013500181>) data de acesso 9 de novembro de 2020.

BANDEIRA,H. M.M. **Formação de Professores e Prática Reflexiva**, 2006. Disponível em:<http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt1/GT1_13_2006.PDF>.Acesso em 05 dez 2020.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

CAMARA, A. M. C.S. et al . Percepção do processo saúde-doença: significados e valores da educação em saúde. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro , v. 36, n. 1, supl. 1, p. 40-50, Mar. 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000200006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 25 Jan. 2021.

CANDAU, V. M. F. **Formação continuada de professores: tendências atuais.** In:CANDAU, V. M. (Org.). *Magistério: construção cotidiana.* Petrópolis: Vozes,1997, p.51-68.

CARTER, K. The place of story in the study of teaching and teacher education. **Educational Researcher**, Washington, v. 22, n. 1, p. 5-12, 1993.

CECHIN, M. R. OS REGISTROS EM DIÁRIOS DE BORDO E A PRÁTICA REFLEXIVA DOCENTE. **Linguagens & Cidadania**, 1(2). doi:<https://doi.org/10.5902/1516849231537>. Acessado em 18 setem.2020.

CHAPMAN, O. Narrative and teacher-student relationships. In: **CONFERENCE ON TEACHERS' STORIES OF LIFE AND WORK: THE PLACE OF NARRATIVE IN PERSONAL PROFESSIONAL DEVELOPMENT**, 1992, Liverpool. Paper... Liverpool: University of Liverpool, 1992.

CHASSOT, A. (2000). **Alfabetização Científica – Questões e Desafios para a Educação**, Ijuí, Editora da Unijuí.

CONNELLY. F. MICHAEL & CLANDININ D. J (1995) **Narrative and Education, Teachers and Teaching**, 1:1, 73-85, DOI: 10.1080/1354060950010106 acessado em 25 set.2021

CORTAZZI, M. Narrative analysis. London: Falmer Press, 1993.

DAMÁSIO, A. R. **Em busca de Spinoza: prazer e dor nas ciências dos sentimentos**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

DELORY, M. C. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. In:

DEMO. Pedro. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis; Vozes; 2002.p. 272

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, Apr. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>.

R. J. DEWERY, J. H. Taylor, J. M. Weisberg, and G. H. Stokes Joseph Henry Laboratories, Physics Department, Princeton University Received 1985 March 20; accepted 1985 April 23

FERNANDES, Natal. L. R e LOPES, Maria. A. **As narrativas de formação no processo formativo de professores como dispositivos para reflexão sobre a aprendizagem da docência na educação de jovem e adultos.**2011. <http://dx.doi.org/10.9771/2317-1219rf.v0i20.5716> acessado em 9 out 2020.

FILHO, J. S.; SILVEIRA, A. R. **A horta escolar como laboratório vivo no ensino de ciências.** *Cadernos de Agroecologia*, [S.l.], v. 10, n. 3, may 2016. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/17159>>. Acesso em: 19 jan. 2021

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, I., BAHIA, S., ESTRELA, M. T. & AMARAL, A. (2011). Trabalho docente, emoções, contextos e formação. Livro de Atas do II Simposium Nacional sobre Formação e Desenvolvimento Organizacional, pp. 23-36. Lisboa: ISCTE-IUL, 15 e 16 de novembro de 2011.

FREIRE, P. (1996) **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, C, Narrativas em Educação. **Educação e Ciências**,v.1, n2,p.327-345, Dez 2002.

GASPARINI, S. M; BARRETO, S. M; ASSUNCAO, A Á. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 31, n. 2, p. 189-199, Aug. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200003>.

HESS, R, **Momentos dos diários e diários dos momentos.** 2006, Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador:EDINEB,2016.

JOSSO, M, C. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde, 1988. p. 35-50. _____. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007

_ . Investigação-Formação: a reflexão sobre a vida como construção de aprendizado na formação profissional. **VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. Itajaí: ANPEDSUL, 2008

JULIANO, M. C. C.; YUNES, M. A. M. **Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência**. *Ambient. soc.*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 135-154, Sept. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2014000300009&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>.

KEIM, E.J. Princípios essenciais na obra freiriana e a educação inter-étnica da emancipação e humanização. IX Anped Sul seminário de pesquisa em Educação da região Sul.2012.

LARROSA, J. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **O sistema de organização e gestão da escola** In: LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e Gestão da Escola - teoria e prática*. 4^a ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIMA, K. E. C; VASCONCELOS, S.N. Análise da metodologia de ensino de ciências nas escolas da rede municipal de Recife. Ensaio: **aval.pol.p ubl.Educ.**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 52, p. 397-412, Sept. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000300008&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Ago. 2020

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. Ensaio – **Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p.37-50, març o, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epec/v3n1/1983-2117-epec-3-01-00045.pdf>. Acesso em 10 Nov.2020.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MONTEIRO. I, C, GASPAR. A. **UM ESTUDO SOBRE AS EMOÇÕES NO CONTEXTO DAS INTERAÇÕES SOCIAIS EM SALA DE AULA** *Investigações em Ensino de Ciências* – V12(1), pp.71-84, 2007.

NASCIMENTO, F. Pressupostos para a formação crítico-reflexiva de professores de ciências na sociedade do conhecimento. In: MIZUKAMI, M. G.. N. e REALI, A. M. M. R. (orgs.). Teorização de práticas pedagógicas: escola, universidade, pesquisa. São Carlos: UdUFSCar, 2009, p. 35-72.

NASCIMENTO, F. do; FERNANDES, H. L.; MENDONÇA, V. M. de. O ensino de ciências no Brasil: história, formação de professores e desafios atuais. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 10, n. 39, p. 225–249, 2012. DOI: 10.20396/rho.v10i39.8639728. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639728>. Acesso em: 26 Ago 2020.

NETTO, C.; SPAGNOLO, C.; FLORENTINO, J.; AMARAL, L.; ZANCAN, S.; PORTAL, L. L. F. Cartas: um instrumento desvelado que faz a diferença no processo educacional. **Educação Por Escrito**, v. 3, n. 1, 24 jul. 2012.

NOVOA, A. (1992) **Formação de professores e profissão docente** .1992 disponível em 26 de Junho de 2019.

Vidas de professores (2007) 2.ed.Portugal:Porto Editora 2007.

Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educ. Real.**, Porto Alegre , v. 44, n. 3, e84910, 2019 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362019000300402&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Ago. 2020. Epub Sep 12, 2019. <https://doi.org/10.1590/2175-623684910>.

OLINTO, G. A **inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil**. *Inclusão Social*, v. 5, n. 1, 28 nov. 2012

OLIVEIRA, M.O. (2011) **Por uma abordagem narrativa e autobiográfica: diários de aula como foco de investigação**. In R. Martins & I. Tourinho (Orgs.) *Educação da cultura visual – conceitos e contextos* (pp. 175-190). Santa Maria: Edufsm.

OLIVEIRA, M.O. (2014) Diário de aula como instrumento metodológico da prática educativa **Revista Lusófona de Educação**, 27, 111-126

PASSEGGI, M.C; SOUZA, E. C. de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, Apr. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100017&lng=en&nrm=iso>. access on 26 de Ago.2020

PASSEGGI, M. C. PIERRE BOURDIEU: DA “ILUSÃO” À “CONVERSÃO” AUTOBIOGRÁFICA. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 41, p. 223-235, jan./jun. 2014

PEREIRA, J. E. D. **Formação de professores: pesquisas, representações e poder**. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PIMENTA, S.G. **Professor reflexivo: construindo uma crítica**. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez Editora, 2002. p.17-52

PORLAN, R. & MARTIN, J. (1997). **El diario del profesor.Un recurso para la investigación en el aula**. Sevilla: Díada.

ROMERO, T. R.S. Prefácio. In: REICHMANN, Carla Lins (Org.). **Diários Reflexivos de Professores de Línguas: ensinar, escrever, refazer-(se)**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2013. p. 9-14.

SANTOS.J..M, ESTEVAM.R.,A, MARTINS. Thiago D,M. Pesquisa (auto)biográfica. **Ensaio Pedagógico (Sorocaba)**, vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.x-xx

SASSERON,H.L.CARVALHO.Anna.M, ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA **Investigações em Ensino de Ciências – V16(1)**, pp. 59-77, 2011

SCHON,D. é professor do “Massachusetts of Technology” (Estados Unidos da América). Texto extraído de:NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os Professores e a sua Formação**. 3ª ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1992. A primeira versão do texto foi publicada em 1988. Seleção, digitação, diagramação de José Lino Hack e Mara Brum.Pelotas, FaE-UFPel, setembro de 2014.

SCHÖN, D. (1995). Formar professores como profissionais reflexivos. Em: Nóvoa, A. (coord.). Os professores e a sua formação. (2º ed.) Lisboa: D. Quixote, 79-91. SILVA, M. H. (2000). Formação reflexiva de professores. Um estudo com professores estagiários de Biologia/Geologia. Tese de Doutorado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro p. 02

Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem.
Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SHEN B. S. P. Science Literacy and the Public Understanding of Science Day SB (ed): Communication of Scientific Information. Basel, Karger, 1975, pp 44-52

SLONSKI VG, G de Andrade MARTINS. **O conceito de professor investigador: os saberes e as competências necessárias a docência reflexiva na área de contábil** - Revista Universo Contábil, 2009.

SILVA, A.P.S. **Análise da Relação entre Prática de Autocuidado e Síndrome de Burnout na Docência** .Tese apresentada ao curso de Doutorado em Educação, do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, 2019.

SILVA, C.M. (2013) **Estágio Supervisionado como prática Docente Reflexiva no Curso de Biologia a distância da UAB-UNB** Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília publicada em 2013.

SILVA, H. B. **Conflitos interpessoais o que fazem os professores?** Trabalho de Conclusão de Curso Universidade de Brasília UnB. 2016.

SILVA, M. H., & DUARTE, M. da C. (2011). **O diário de aula na formação de professores reflexivos: resultados de uma experiência com professores estagiários de biologia/geologia.** *Revista Brasileira De Pesquisa Em Educação Em Ciências*, 1(2). Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4173>

SILVA, M. H. (2000). **Formação reflexiva de professores. Um estudo com professores estagiários de Biologia/Geologia.** Tese de Doutorado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (não publicada).

SOARES, T. A. **Mulheres em ciência e tecnologia: ascensão limitada.** *Quím. Nova*, São Paulo , v. 24, n. 2, p. 281-285, Apr. 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-0422001000200020&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0100-40422001000200020>.

SOUSA, B. L. C. **A mochila sensorial de Ciências: o uso de recursos didáticos adaptados e adequados no ensino de Ciências para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)** Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília Ciências Naturais, UnB, p.110.2020.

SOUSA, M. G.; CABRAL, C. L. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, 20 dez. 2015.

SOUZA, R. A. de; MARTINELLI, T. A. P. Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 35, p. 160–172, 2012. DOI: 10.20396/rho.v9i35.8639620. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639620>. Acesso em: 26 NOV,2020.

TORRES, R. M. **Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial**. In TOMMASI, L, WARDE, J. M.; HADDAD, S. (Orgs) O Banco Mundial e as políticas educacionais. São Paulo: Cortez/ Ação Educativa? PUC-SP, 1996, p.125-194.

VILLANI, Alberto; FREITAS, Denise de; BRASILIS, Rosa. Professor pesquisador: o caso Rosa. *Ciênc. educ. (Bauru)*, Bauru, v. 15, n. 3, p. 479-496, 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132009000300003&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132009000300003>.

VINHA, T. P. **Os conflitos interpessoais na relação educativa**. 2003. 427 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

ZABALZA, M. (1994). **Diários de aula. Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores**. Porto: Porto Editora

ZABALZA, M.A. (2004). **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed.

ZEICHNER, K. M. **El maestro como profesional reflexivo**. Cuadernos de Pedagogía, 220, 44-49, 1993.

PREPOSIÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Ciências Biológicas
Instituto de Física
Instituto de Química
Faculdade UnB Planaltina
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Mestrado Profissional em Ensino de Ciências

**Elaboração dos diários de aula numa perspectiva reflexiva das situações vivenciadas
no cotidiano docente**

HELENA BARROSO DA SILVA

Brasília, DF
Fevereiro de 2021

APRESENTAÇÃO

Prezado(a) leitor (a),

Essa preposição pedagógica é parte da minha dissertação de mestrado intitulada “Meu querido diário de aula...uma proposta de pesquisa narrativa para uma prática reflexiva” do programa de Mestrado da universidade de Brasília-UnB. Tem como objetivo propor a reflexão para a elaboração dos diários de aula.

A formação continuada de professores sempre foi considerada por mim um solo fértil para as mudanças em sala de aula. Por reconhecer que quando um professor busca sua formação é um investimento pessoal para uma possível mudança. A proposta de trabalhar com a formação continuada surgiu da minha necessidade e experiência em sala de aula, por reconhecer que são muitas as diversidades e demandas em sala da escola, trabalhei dois anos como contrato temporário pelo governo do Distrito Federal. Com isso os diários são uma alternativa barata e de muito potencial para os vários caminhos que essa técnica poderá oferecer.

Essa proposta apresenta as narrativas autobiográficas como metodologia de investigação para a prática docente. A sugestão é fazer um minicurso com os professores de Ciências podendo ser de formação inicial e continuada para a elaboração de seus diários. A ideia é fazer com que esses professores falem de suas trajetórias ligadas à sua prática docente e elabore cada um o seu próprio diário.

Serão 8 encontros o que dará um encontro em cada semana o período total será dois meses. Para cada encontro será uma atividade vinculada com a proposta da pesquisa que é de elaboração dos diários de aula. Sendo cada tema um título de acordo com a proposta do dia. Primeiro encontro: história do meu nome. Nesse primeiro encontro cada participante deve falar de como foi escolhido seu nome e posteriormente acontecerá o acolhimento, dinâmica e apresentação da pesquisa. Segundo encontro: telefone sem fio, dinâmica e apresentação das narrativas. Terceiro encontro: apresentando as narrativas autobiográficas e no final, cada participante conta uma história falando de si. Quarto encontro: uma foto e um fato. Cada participante leva uma foto e narra a história dela. Onde acontecerá um trabalho de ressignificação a partir das falas.

Quinto encontro: apresentando os diários categorias, tipos, quando escrever um diário. Sexto encontro: História de sala de aula, nesse encontro vou usar cinco recortes dos meus diários de aula para os alunos fazerem sua análise da situação e como refletiriam sobre a situação. Sétimo encontro: Você me inspirou! Nesse encontro vamos escutar histórias de alunos que tiveram os professores como inspirações para mudanças de suas vidas e como os professores se sentiram ao escutar cada narrativa. Oitavo encontro: Deixa que minha história eu conto. Nesse encontro cada professor narra uma de suas histórias do seu próprio diário.

Primeiro encontro :história do meu nome



Nesse primeiro encontro se iniciará com uma dinâmica onde os participantes vão falar da história de seus nomes, será o momento da apresentação de cada pessoa. E posteriormente a apresentação da pesquisa de fato, tirando todas as dúvidas, falando sobre o termo de livre consentimento, falando do comprometimento para que não faltem em nenhum encontro, entre outros. Os professores serão convidados pelos grupos de professores que disponibilizo no meu celular, lembrando que esse primeiro encontro será como uma aula inaugural, o convite para participar da pesquisa ocorrerá, pessoalmente na hora da apresentação, podendo levar os termos para casa no próximo encontro se assim desejar faram parte da pesquisa.

Qual objetivo dessa dinâmica? Estabelecer um momento prazeroso para esse curso já no primeiro dia. É indubitável que quando somos bem recebidos, bem acolhidos, esse momento torna prazeroso e as atividades significativa para quem participar da pesquisa.

Segundo encontro: telefone sem fio, de quem é a história.



Para esse trabalho achamos pertinente a conceituação de Connelly e Clandinin (1995). As autoras estabelecem ainda a diferença entre a história e a narrativa, dizendo que “o fenômeno cria a história, já o método que a investiga e a descreve se concretiza numa narrativa” (GALVÃO, 2002, p.328), por entender que a “narrativa é marcada pela forma como “nós experienciamos o mundo”, e continua “somos seres contadores de histórias” (*idem*, p.328), tanto professores quanto alunos são contadores e personagens de suas próprias histórias, pessoais e sociais (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p.11).

Portanto “a experiência pessoal do professor pode servir como base para a formação docente, seja inicial ou continuada, pois o ato de refletir a vida, provoca um repensar das ações e da forma de aprender a profissão” (FERNANDES; LOPES, 2011, p.36). Para Carter (1993), o interesse das histórias de professores está ligado na reflexão em ação, seus argumentos e por classificar os professores como investigadores das suas práticas. Experiência essa conceituada pelo Larrosa (2002) como “tudo que nos passa, tudo que nos acontece e tudo que nos toca” (p.21), deixando claro que o tudo ao qual o autor se refere é o tudo que foi significativo para a pessoa.

O método narrativo, na ideia de Cortazzi (2003), é adequado para analisar histórias de professores, uma vez que nos oferece um meio de ouvir suas narrativas para melhor entender sua cultura do seu ponto de vista. Para Chapman (1992) o modo como os professores organizam suas aulas interagem com seus alunos, narram suas explicações, seus exemplos, suas analogias envolvem suas crenças seus valores, podem ser vistos como construir e reconstruir a história da sua

experiência pessoal. O professor é a história. Os professores não só trazem para a escola uma história pessoal que dá sentido a suas ações, mas vive uma história que os ajuda a dá sentido ao mundo o “ato de contar história tem um poder sobre o que narra” (DELORY, 2012, p.529). É, portanto, sobre esse poder de agir do relato, que dá início ao processo da ação e do desenvolvimento dos sujeitos.

Para esse encontro será feito a dinâmica do telefone sem fio é uma tradicional brincadeira popular, na qual uma pessoa fala uma palavra ou frase (o "segredo") ao ouvido de outra pessoa ao seu lado, de modo que os demais participantes não escutem ou descubram imediatamente qual é o "segredo". Faremos essa dinâmica um pouco diferente, dois participantes vão ter uma frase e essa frase será dividida para que cada uma das partes consiga passar a mensagem. O intuito dessa dinâmica é fazer com que eles pensem na comunicação, o quanto ela é importante quando nós passamos uma mensagem. Assim como uma história tem uma força ao narrar assim como quem esculta essa história também sente a necessidade de agir depois dela.

Terceiro encontro: apresentando as narrativas autobiográficas



Para Santos, Estevam e Martins (2018) a pesquisa (auto)biográfica pode ser entendida como estratégia de investigação qualitativa, a partir das narrativas das histórias de vida dos grupos humanos, sua leitura de mundo, seus sentimentos, percepções e interações com o contexto social em que estão situados.

Segundo Passeggi, Souza e Vicentini (2011) os “estudos sobre a profissão docente voltaram-se para como os professores vivenciam os processos de formação ao longo de suas experiências, privilegiando a reflexão sobre essas experiências vivenciadas na docência” (p.369). Para esses autores, assim como para ao narrar-se o sujeito constrói um estilo e um estudo em torno da sua narrativa, analisando seus processos formativos. Essa preocupação em pesquisar a história, o cotidiano, os professores, os alunos são fundamentos que já eram reconhecidos por Paulo Freire quando ele cita a importância da historicidade com a proposta de gerar temas para que o sujeito conseguisse lê a palavra e o mundo.

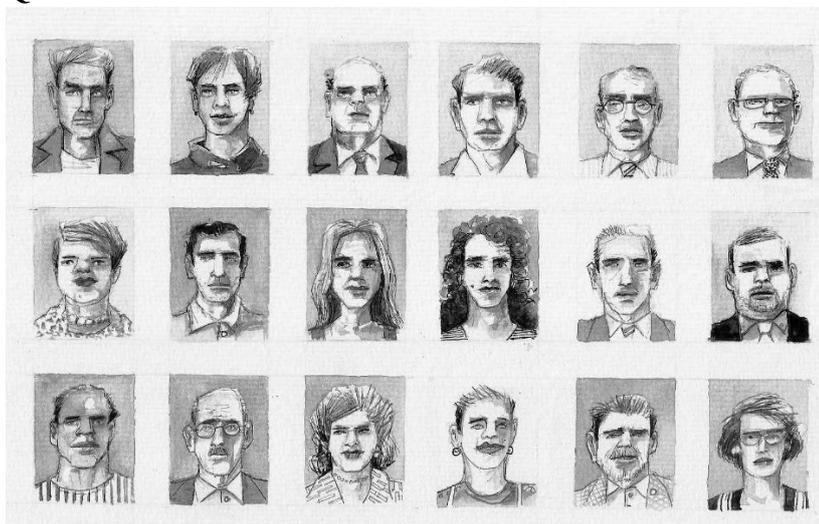
Para esse encontro depois de apresentar as narrativas autobiográficas, vou ler trechos do livro de Pierre Bourdieu, *Esforço de autoanálise*. Pois esse é um dos poucos momentos que esse autor cita sua trajetória de sua vida e faz uma análise crítica acerca da sua trajetória. Esse é momento de escuta onde percebemos o distanciamento para melhor analisar. Depois da leitura a certa dos trechos podemos fazer o momento de reflexão sobre o autor e vamos trabalhar questões como:

- 1) Essa narrativa é a mesma que proposta do encontro anterior
- 2) Quem narra é a mesma pessoa que está fazendo a análise
- 3) Como você caracteriza a pessoa que está contando a história
- 4) Que sentimentos te passou ao escutar a narrativa

- 5) Em algum momento da sua vida você já fez uma autoanálise
- 6) O que você achou da proposta de autoanálise (ou usada no texto como autorreflexão).

Todas as perguntas estão associadas as percepções que eles conseguiram reconhecer nas narrativas. Essa é uma proposta para que esses participantes entendam as próximas propostas dos encontros, por mais que as atividades pareçam iguais não serão e cada atividade está associada ao tema do dia. No caso essa tem o objetivo de saber reconhecer que as narrativas podem apresentar vários delineamentos. Além desses participantes saberem ouvir e reconhecer as narrativas e as narrativas autobiográficas.

Quarto encontro: uma foto e um fato



Um elemento importante das narrativas são as memórias, pois quem narra utiliza-se da memória, fazer uso da “memória é fazer um exercício de voltar atrás, buscar aquilo o que nos afetou ou afeta, que nos deixou marca, é vir à tona fatos e passagens que nem sempre são satisfatórios, acrescentado o desejo de mudança ou de ter sido diferente” (OLIVEIRA, 2014, p.121), e continua dizendo que “rememorar é organizar o pensamento em forma de relato escrito, oral, visual. Buscar uma organização do pensamento para melhor externalizá-lo” (*idem*, p.121). Além da memória outro elemento importante é espaço e tempo da narrativa, a “rememoração permite que dimensões pessoais esquecidas possam ser recuperadas e situadas no tempo, onde as lembranças se cruzam no passado, no presente e na perspectiva do futuro” (SOUSA; CABRAL, 2015, p.150).

Essa dinâmica é justamente trabalhar a rememoração através da foto escolhida. O participante deverá escolher como vai contar a história da foto. Sua justificativa e qual memórias aquelas fotos passa em sua vida. Enquanto o aluno conta a história da foto os demais ficam escutando e procuram na narrativa os pontos que mais o tocou, que se identificou e quando for a vez dele que ele possa oferecer também esses sentimentos.

Ao tornar-se professor, entende-se que o nosso papel vai além das metodologias e do domínio de conteúdo. É uma experiência afetiva, mas também é uma busca pessoal do ser professor “que carrega consigo e ensina sua noção do mundo, suas experiências, suas crenças, seus valores, ou seja, o seu eu” (NETTO; SPAGNOLO; FLORENTINO; AMARAL; ZANCAN; PORTAL, 2012, p.15). O potencial da foto é que vamos usar a memória do participante ou seja um momento da sua vida que essa foto está vinculada com sua trajetória e ainda usando os sentimentos e emoções que são significações vivas. Posteriormente o exercício que será feito é como algum momento em sala de aula me causou emoção e significação a tão ponto que exigiu do participante uma mudança como professor e como pessoa e nesse momento que vamos falar dos momentos charneiras que por serem divisores de água na minha vida ou que tocou profundamente o participante. Para Josso (1988) nesses momentos charneiras:

“O sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas. Surgem-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo próprio ou o que de si mesmo para se adaptar à mudança, evitá-la ou repetir-se na mudança” (JOSSO, 1988, p. 44).

Foi diante desses momentos que refletir o meu trabalho como professora, que surgiram muitas inquietações e foram momentos de descobertas pessoais, que me descobrir como ser professora e busquei minha própria identidade.



Quinto encontro: apresentando os diários

Esse é um encontro que vou levar meus diários para serem apresentados assim como falar dos diários, apresentar as características, porque escrevê-los, as modalidades.

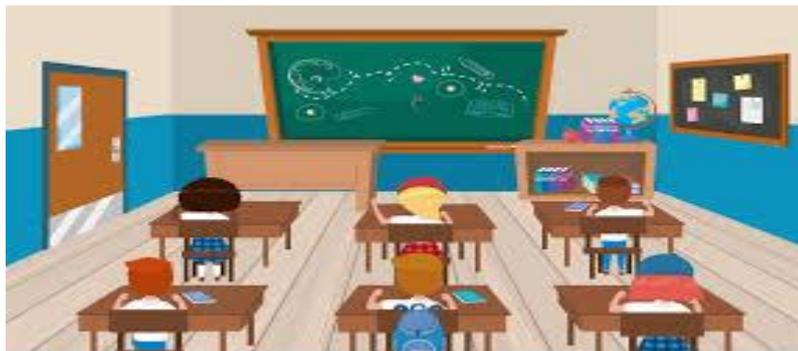
Assim Zabalza (2004) estabelece cinco condições para que essa escrita dos diários possa seguir um certo padrão são elas: solicitação, periodicidade, qualidade, conteúdo e duração. Mas quando convém escrever o diário? Em algumas ocasiões seria interessante fazermos o uso dos diários. Zabalza (2004) cita alguns desses momentos:

- 1) Quando se queira, ou quando necessita de um distanciamento ou das situações que estamos vivendo ou situações já vividas.
- 2) Quando se participa de empregos que requerem um envolvimento pessoal grande.
- 3) Quando se quer encontrar um próprio estilo de trabalho.
- 4) Quando sentimos que estamos sendo pressionados e ou acumulando, muita tensão interna.
- 5) Quando se está participando de pesquisa de alguma avaliação ou algum processo que seja importante documentar os passos e a mudança das diversas dimensões do trabalho em curso.

Os diários são muito versáteis podendo variar de conteúdo, periodicidade e pela função que podem cumprir podendo ser: 1) Jornalístico - esse tipo de diário é de natureza descritiva com linguagem própria do jornalismo; 2) Analítico - esse tipo de diário o observador coloca informações específicas do que se deseja observar; 3) Etnográfico - leva em consideração aspectos físicos, social e cultural em que ocorrem ao narrador. Os eventos estão ligados ao conjunto maior que interagem entre si; 4) Avaliativo - é uma forma de tratar os fenômenos dando-lhe um valor ou julgamento; 5) Terapêutico - servem para descarregar as tensões de quem escreve num processo catarse (liberação ou expulsão) pessoal; 6) Criativo e Poético - a narração corresponde não só aos critérios de refletir a realidade, mas

também a possibilidade de imaginar ou criar situações que se narram; 7) Introspectiva - quando o conteúdo do diário se volta para nossos pensamentos, sentimentos, vivências; 8) Reflexiva - quando a narrativa responde o processo de *thinking aloud* (pensar em voz alta) na busca de organizar as próprias ideias sobre o tema tratado.

Sexto encontro: História de sala de aula.



Nesse encontro serão escolhidos 3 recortes associados as narrativas foram colocadas em três planos caracterizados por Josso (2007). Os participantes foram colocados em três passos contendo na minha pesquisa. Nesse exercício será trabalhar autorreflexão de cada professor.

O Primeiro plano se refere no processo de formação do sujeito; O segundo plano, o processo de conhecimento e como ele é construído ao longo das minhas experiências; e por último o terceiro plano é o conhecimento do sujeito em relação suas competências de aprendiz.

Neste contexto, o objetivo dessa dinâmica é da significação aos fragmentos encontrados nos diários e uma proposta viável ao professor de ciências. Para não somente me compreender, mas compreender como as escolhas desses professores e suas tomadas de decisão, a análise se ocorreu em três momentos:

1) Foram feitos recortes dos diários, esses recortes são meus momentos charneiras, foi feita uma descrição da situação vivenciada e a autorreflexão.

2) Posteriormente a autorreflexão ligada esses momentos com a minha trajetória de vida e a tomada de decisão em cada caso.

3) Por último a reflexão dessa ação, suas consequências e uma proposta de perspectiva de atitude mais coerente e desejada para o professor no Ensino de Ciências.

- 1) *“É incrível que crianças ainda vão para escola para comer, eles não gostam quando o lanche é pipoca ou café com leite, eu nunca entendia, até que hoje eu perguntei, eles me responderam que antes que todas as aulas acabem, eles ficavam com muita fome novamente, eles só gostam mesmo quando é arroz com frango ou macarrão, eu já notei que todos comem o lanche. É uma comunidade carente isso é fato e existe um esforço para escola ajudar” (10/05/2017).*

Autorreflexão

Associar com algum momento da sua história de vida

O que poderia melhor como professor

- 2) *“Logo percebi que ele era diferente, tímido, olhos caídos, doce, o sorriso era de criança, pequeno tão pequeno que o uniforme nadava e que certamente foi de outro aluno, o tênis parecia maior que o seu pé, suas respostas eram de uma sensatez muito incomum pra a idade. Sem dúvidas ele era uma criança humilde, seu caderno era de muitas matérias e ele usava a margem até em cima e até depois do rodapé. Ele sempre comia o lanche, nunca o vi recusa e sempre levava o que restava para casa. Sua nota, era sempre a maior da turma. Ao fim do último horário de todas as aulas ele ficava olhando pro chão de todas as salas, depois do horário eu comecei a observá-lo. Por um acaso passando para ir para a sala dos professores eu o avistei e muito séria, um tanto grossa e ríspida perguntei o que ele estava fazendo, porém ele não me respondeu, vi que ele procurava algo no chão, eu insistir e com os olhos marejados me respondeu que procurava lápis e borracha que os outros alunos perderam. Eu fui com uma agressividade desproporcional para a situação e o que é pior, vi naqueles olhos constrangimento em que uma vez prometi que não iria submeter qualquer aluno meu, eu sei como é esse sentimento, cheguei em casa muito triste e decepcionada comigo essa história ficava passando na minha cabeça, o que mais doía era aquele olhar de constrangimento. Chorei, me lamentei. Eu decidi comprar lápis e borracha para todos os alunos da turma isso não apaga o que eu fiz, mas eu desejo do fundo do meu coração melhorar para que não se repita nunca mais”*

Autorreflexão

Associar com algum momento da sua história de vida

O que poderia melhor como professor

- 3) *“Eu sinto que meu corpo não acompanha a energia que eu tenho. E ando sentindo muitas dores de cabeça e no ombro, e isso está me matando. Perdi a voz essa semana tive que pegar um copinho para que cada vez que os alunos aumentassem o tom de voz deles, eu batesse, afinal são muitos alunos, senão não teria como ficar em sala. Funcionou? Parece que sim, mas realmente não é agradável, nem para eles nem para mim. Bom, minha ida ao meu médico revelou-me muitas coisas, primeiro eu tenho que cuidar da minha saúde física e mental também, já que os dois andam em conjunto, todas as vezes que o meu corpo não aguenta isso me sobrecarrega psicologicamente e sinto muita tensão e uma forma de aliviar essa tensão é chorando. Eu preciso cuidar de mim, ter uma autocuidado para estar bem, o médico me deu atestado de dois dias, e disse que minha voz vai volta em cinco dias, eu falei para ele que esta conta não está fechando né, mas ele riu e falou que era o tanto que podia dá. Tudo foi muito caro as consultas, os exames, e no final minha voz vai voltar com tempo e bastante água, Taí. Uma coisa que professor poderia ter, plano de saúde”*

Autorreflexão

Associar com algum momento da sua história de vida

O que poderia melhor como professor

Sétimo encontro: Você me inspirou!



Recorrer as emoções no trabalho de ensinar, segundo VIGOTSKI (2001b), é “aceitável e desejável” (p.144), pois “a emoção possui uma função motivadora no comportamento humano” e “toda emoção é um convite a ação ou renuncia a ela, pois ela é um organizador interno do comportamento” (*idem*, p.139). Segundo Freire, Bahia, Estrela e Amaral (2011) “o trabalho do professor é um trabalho fortemente emocional exercido em organizações complexas e em contextos variados, sobre a influência de muitos fatores” (p.05). São esses fatores do trabalho de professor que força a um controle emocional para que se exerça uma responsabilidade no desenvolvimento dos alunos.

No intuito de deixar o coração desses participantes quentinho e cheio de esperança com relação sua missão como docente que serão apresentados relatos de como ser professor pode transformar a vida de uma pessoa e como a gente professor transformando a vida de uma pessoa pode ser a nossa colaboração para as transformações no mundo. Nesse encontro serão escolhidas narrativas de alunos que tiveram suas vidas mudadas pelas influências ou pelo exemplo de professores essa pessoa teve na sua trajetória de vida. Somos seres cheios de afetos e compreendemos que o mundo é composto por pessoas que necessitam de “doses significativas de afeto e sensibilidade para perceber o outro em sua totalidade”. Desta forma, o contexto escolar é um espaço educativo “no qual é possível o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões”. (NETTO; SPAGNOLO; FLORENTINO; AMARAL; ZANCAN; PORTAL, 2012, p.15).

Esse encontro está relacionado em proporcionar uma dinâmica simples, porém com muito afeto e cuidando para que esses professores se sintam retribuídos pela dedicação que fornecem a esses estudantes.

Oitavo encontro: Deixa que minha história eu conto.



Com o objetivo de da significação a essas experiencias cheias de emoções e sentimentos, que o uso dos diários se faz necessário. Pois não são apenas fatos, são momentos, memórias cheias de significações para não somente entender minha prática, mas minha história como docente.

Os diários de aula foram escolhidos como a técnica nessa pesquisa, por ser uma produção que valoriza a voz, ou seja, a ideia de quem o faz, o professor. Segundo Oliveira (2014) “os diários de aula é um produtor de afetos, tanto para quem produz quanto para quem lê” (p.113). Essa perspectiva trás para pesquisa uma ideia mais intimista, pessoal, pois, muitos foram os momentos que tive necessidade de registrar o que se passava em sala de aula, dá voz a minha própria voz, e observando a minha própria prática docente pude perceber o quanto essa experiência foi gratificante e assertiva na minha trajetória profissional.

A ideia dos diários de aula veio com a minha experiência docente, entendendo que experiência é “tudo que nos acontece, tudo que nos passa e tudo que nos toca”, (Larrosa, 2002, p.21). Entendendo que não é essencialmente “tudo”, o tudo o qual me refiro é o significativo que resulta na minha (re)significação subjetiva e pessoal da minha prática.

Nesse encontro precisará ser observado quatro pontos importantes nos seus diários. Primeiro contar sua história de vida para os demais participante permitindo a rememoração daquele momento vivido quais sentimentos e emoções significativos possuem aquela narrativa. Segundo passo refletir em torno da memória contada e como ela fez com que o participante pensasse na sua prática. Terceiro passo é a reflexão como

uma experiência formadora, pois não adianta só pensa na prática precisa do desejo da mudança. Quarto e último passo a experiência mais a reflexão resulta na mudança de significado dando espaço para ressignificação capaz de também fazer mudanças no indivíduo como pessoa.

E essas são minhas contribuições para o professor que se sentir tocado pela oferta de ter uma formação diferenciada das demais. Sabemos que trabalhamos nuns cenários que nem sempre oferece oportunidade de reflexão. Mas essa é uma alternativa simples, mas memorável para uma mudança na forma como professor poderá vê sua prática e muda-la.

REFERÊNCIAS

CARTER, K. The place of story in the study of teaching and teacher education. *Educational Researcher*, Washington, v. 22, n. 1, p. 5-12, 1993.

CHAPMAN, O. Narrative and teacher-student relationships. In: CONFERENCE ON TEACHERS' STORIES OF LIFE AND WORK: THE PLACE OF NARRATIVE IN PERSONALPROFESSIONAL DEVELOPMENT, 1992, Liverpool. Paper... Liverpool: University of Liverpool, 1992.

CHASSOT, A. (2000). Alfabetização Científica – Questões e Desafios para a Educação, Ijuí, Editora da Unijuí.

CONNELLY. F. MICHAEL & CLANDININ D. Jean (1995) Narrative and Education, *Teachers and Teaching*, 1:1, 73-85, DOI: 10.1080/1354060950010106 acessado em 25 set.2021

CORTAZZI, Martin. Narrative analysis. London: Falmer Press,1993.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. *Educ. rev.*, Belo Horizonte , v. 27, n. 1, p. 333-346, Apr. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100015&lng=en&nrm=iso>. acesso em 25 Set. 2021

FERNANDES. Natal. L. R e LOPES. Maria. A. As narrativas de formação no processo formativo de professores como dispositivos para reflexão sobre a aprendizagem da

docência na educação de jovem e adultos.2011. <http://dx.doi.org/10.9771/2317-1219rf.v0i20.5716> acessado em 9 out 2020.

FREIRE, I., BAHIA, S., ESTRELA, M. T. & AMARAL, A. (2011). Trabalho docente, emoções, contextos e formação. Livro de Atas do II Simposium Nacional sobre Formação e Desenvolvimento Organizacional, pp. 23-36. Lisboa: ISCTE-IUL, 15 e 16 de novembro de 2011.

GALVÃO, Cecília, Narrativas em Educação. **Educação e Ciências**,v.1, n2,p.327-345, Dez 2002.

JOSSO, Marie-Chistine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M.(Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde, 1988. p. 35-50._____. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Educação. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007

LARROSA, J. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação,n. 19, p. 20-28, 2002.

NETTO, C.; SPAGNOLO, C.; FLORENTINO, J.; AMARAL, L.; ZANCAN, S.; PORTAL, L. L. F. Cartas: um instrumento desvelado que faz a diferença no processo educacional. Educação Por Escrito, v. 3, n. 1, 24 jul. 2012.

OLIVEIRA, M.O. (2014) Diário de aula como instrumento metodológico da prática educativa **Revista Lusófona de Educação**, 27, 111-126

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educ. rev.**, Belo Horizonte , v. 27, n. 1, p. 369-386, Apr. 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100017&lng=en&nrm=iso>. access on 26 de Ago.2020

SANTOS,Joseane.M,ESTEVAM.Rebeca,A, MARTINS. Thiago D,M. Pesquisa (auto)biográfica. **Ensaio Pedagógicos (Sorocaba)**, vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.x-xx

SOUZA, M. G.; CABRAL, C. L. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, 20 dez. 2015

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

ZABALZA, M.A. (2004). **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed.